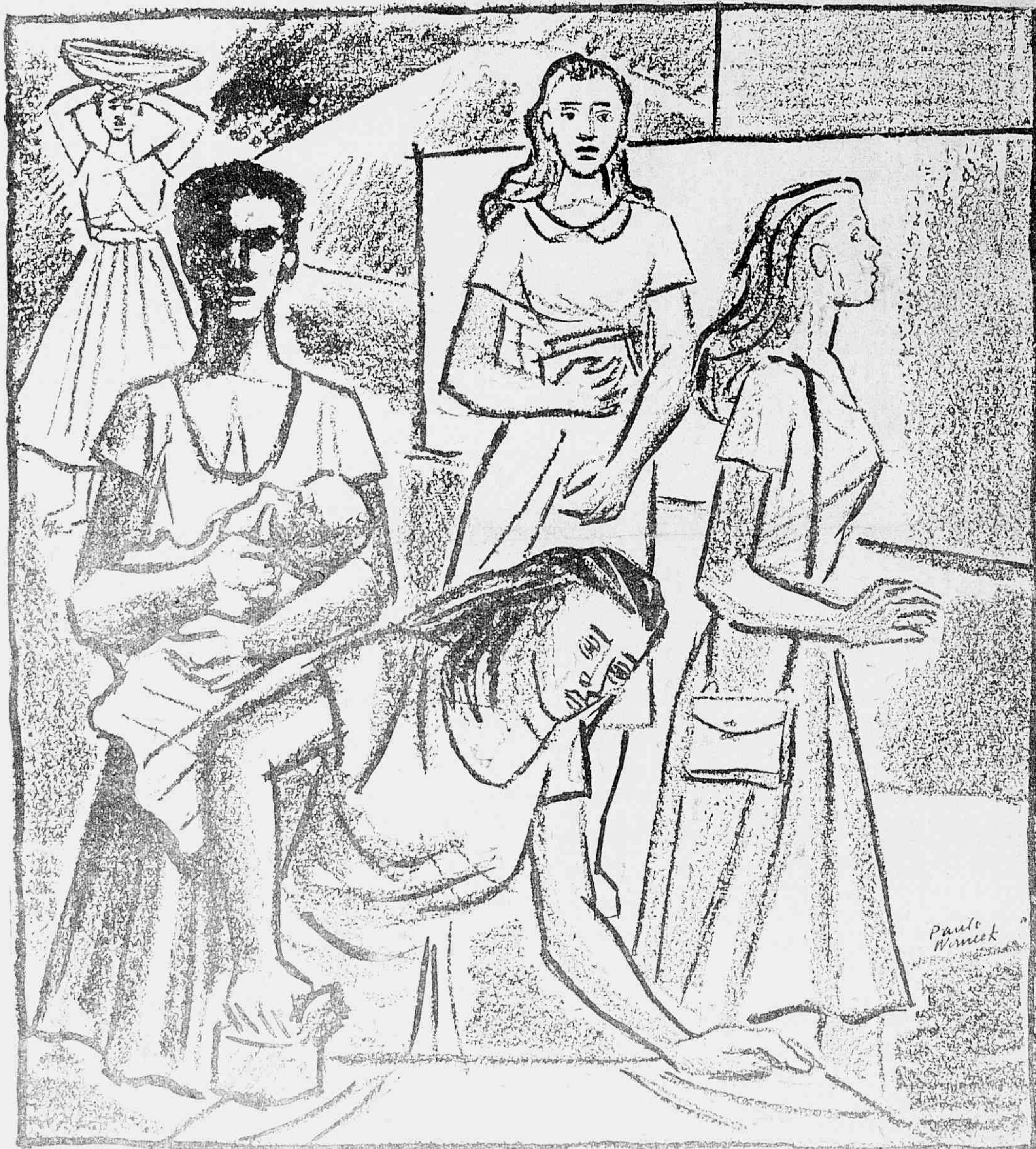


O MOMENTO feminino

UM JORNAL PARA O SEU LAR



Alina Paim ★ Arcelina Mochel ★ Diana de Brito ★ Ediria Carneiro ★ Eneida
★ Gilda Braga Linhares ★ Hilda Campofiorito ★ Lia Corrêa Dutra ★ Lígia
Maria Lessa Bastos ★ Maria Luiza ★ Marieta Jacques ★ Maura de Sena
Pereira ★ Sagramor de Scuvero ★ Silvia ★ Yvonne Jean

Não é mais possível deixar de reconhecer o papel importante e decisivo da mulher no cenário da política internacional. Fizemos a guerra de Libertação dos povos e lutamos hoje com o mesmo vigor e a mesma perseverança para construir um mundo democrático, para garantir a 2. Repetimos a frase daquele grande escritor: "Hitler não terá herdeiros", e para executá-la, reunimos todas nesse grande anelo que é de todas as mulheres: defender nosso grande lar que é a nossa pátria. Defendê-la contra os seus inimigos internos: os fascistas locais e contra os seus inimigos externos: os que a querem escravizar. Afinal que queremos nós, as mulheres? Queremos respeito às leis, cumprimento rigoroso da Constituição; queremos liberdade para pensar, falar, reunir, e criar. Queremos democracia. Queremos respeito aos nossos direitos de cidadania; queremos alegria para nossas crianças.

Em toda parte do mundo lutam as mulheres contra o fascismo, pela paz, pela democracia, pela felicidade. Na Jugoslávia as mulheres estão empenhadas em reconstruir as ruínas, criam escolas, creches, orfanatos. Participam ativamente da vida política e lutam contra o analfabetismo. Há mulheres ministros, como a Sra. Mitra Mitrovich. Na Tchecoslováquia a mulher, unida na "Frente Nacional", auxilia o governo a realizar seu plano de dois anos para o desenvolvimento da jovem república popular e para a consolidação da paz na Europa.

Na Polônia, a "Liga de mulheres" conseguiu o direito de voto e interessou milhões de mulheres nas eleições. Na França a "União das Mulheres Francesas", que nasceu na luta contra o invasor

alemão, empenha-se hoje ardorosamente na defesa e fortalecimento da democracia. Há na França 53 deputadas e 12 mulheres no Conselho da República. Na Itália, depois de tantos anos de negro fascismo, as mulheres exercem agora, com a República, pela primeira vez, o direito do voto e votaram na proporção de 87% nas últimas eleições. Há 22 deputadas na Constituinte italiana e 1.000 conselheiras municipais. As mulheres da Itália se acham na vanguarda da reorganização econômica e social de seu país. Na Romênia o número de mulheres eleitoras é de 3.800.000 num total de 7.000.000 eleitores. Há 19 deputadas, e a Sra. Bogdasar exerce as funções de Ministro da Saúde Pública. A Federação Feminina da Romênia organiza caravanas de socorro às regiões sinistradas pela guerra e auxilia o governo nos problemas de ajuda às crianças vítimas do fascismo. Na Hungria, depois de proclamada a República, em 1 de fevereiro de 46, a mulher, que lutara na guerra, luta hoje ao lado de seu povo para o estabelecimento da democracia levando adiante o plano nacional de 3 anos, que liquidará completamente o fascismo e a reação internos.

Na Austria organizam-se as mulheres para a educação democrática: o governo é ainda muito fraco, não tomando medidas necessárias a uma verdadeira democracia. As austriacas sentem isso e lutam pela independência e liberdade de sua pátria. Na URSS, de há muito, as mulheres ocupam seu verdadeiro lugar sem por isso deixar de fazer parte da grande Federação Internacional de Mulheres.

Na China, a "Associação de Mulheres das Regiões Libertadas", conta 20 milhões de membros, gozando de todos

(Conclui na 5.ª pag.)

Nossos Problemas

Precisamente quando avultam os problemas do povo brasileiro e sua solução encontra obstáculos cada vez maiores, aparece "MOMENTO FEMININO", órgão de luta auxiliar de todas as mulheres, para cumprir uma grande tarefa no seio da coletividade brasileira, para ajudar o soerguimento intelectual, político e econômico em nossa pátria.

Conscientes de nossas responsabilidades, como colaboradoras indispensáveis em todos os momentos da vida nacional, também necessitávamos, de uma poderosa arma na imprensa, capaz de atrair todas as mulheres dos mais escondidos recantos brasileiros, as mulheres das cidades movimentadas, como dos sertões nordestinos, do litoral como dos campos, para que, numa única frente, marchássemos em direção a um objetivo comum: a um horizonte de luz, alegria, saber, conforto e felicidade.

Entre nós, mulheres, sempre existiu certa afinidade, pelos pontos comuns nos nossos interesses femininos. Antes, os nossos entendimentos, na maioria dos casos, repousavam em assuntos sentimentais ou sociais mundanos, raramente intelectuais ou artísticos. Com raras exceções, a vida integral do povo, entrava nas nossas preocupações cotidianas.

No curso dos acontecimentos, com o evoluir das sociedades, ante a dureza da realidade dos tempos, a mulher foi conduzida para o campo comum dos problemas gerais da vida e foi integrando-se na complexidade dos mesmos. Começou sentir a inevitabilidade de sua participação ativa no país e a utilidade dessa participação. Sem abandonar entretanto os assuntos sociais sentimentais e mundanos, conquistou degraus e hoje não há voz no mundo que se levante, para negar o valor das mulheres como parte indispensável na vida pública.

Preocupando-nos com a situação brasileira, através das páginas de "MOMENTO FEMININO", sentir-nos-emos à vontade para conversar semanalmente com as queridas patriotas, acerca dos nossos problemas, dos nossos sofrimentos, das nossas esperanças, das nossas vitórias, na garantia de uma felicidade para as crianças e de amparo à velhice.

É o imperativo das dificuldades de vida que atravessamos, que nos faz sentir maiores responsabilidades. Por isso foi que desruzamos os braços, deixamos as antigas comodidades dos lares, e nos colocamos na vanguarda dos movimentos progressistas. Não é verdade que todas nós mulheres sentimos isso?

Hoje, nenhuma de nós pode ficar indiferente ante o agudo problema do analfabetismo em nossa pátria, que atinge 75% da população. A miséria, a fome, a tuberculose, as doenças nervosas, a mortandade infantil, atingem cifras gigantescas no seio da coletividade brasileira.

O Distrito Federal tem cerca de 100.000 pessoas de pulmões corroídos; seres infelizes que habitam às favelas e as cabanas de porco; se elevam a 400.000; a velhice é oficialmente amparada, apenas por um asilo da municipalidade; a população infantil em idade escolar é de 330.000 crianças e destas, apenas 100.000 frequentam escolas, por falta absoluta de condições técnicas, pedagógicas e meios de manutenção para suas famílias. São crianças que só poderiam ir às aulas sem alimentação matinal e que, mesmo na escola, não seriam alimentadas, porque a verba de merenda escolar já foi suprimida em muitos casos e diminuída em outros.

No que concerne aos meios de subsistência, aos gêneros alimentícios cada vez mais escassos, à carestia de vida, aí repousa a maior preocupação das mulheres; aí está o ponto culminante de sua luta organizada, porque todas compreendemos que é preciso vencer esta calamitosa transição por que o país atravessa e não se conquistam vitórias sem união, sem tenacidade, sem esperanças e convicção.

Descremos, depois a detalhes na apreciação dos nossos problemas, para mais depressa encontrarmos uma solução justa para os mesmos. Agora, o fundamental é que nós unamos, que nos compreendamos, que fixemos um objetivo de bem-estar, de prosperidade.

Nosso lema deve ser a união ampla, união de todas as mulheres, união infinitamente concebida, para que nossa voz ultrapasse as fronteiras de nossa pátria e seja recebida com a mesma ternura pelas mulheres do mundo inteiro numa consagração universal de um ideal comum.

Assim é que "MOMENTO FEMININO", um novo espírito de combatividade, viga mestra de luta das mulheres pela felicidade de todos, abre esta coluna de troca de idéias sobre nossos problemas, nossos direitos, nossas liberdades.

Através deste semanário, de certo vamos conhecer notáveis figuras femininas de nosso país até agora jogadas ao anonimato pela sua simplicidade constitutiva e pela sua discreta abnegação no trabalho pelo bem coletivo.

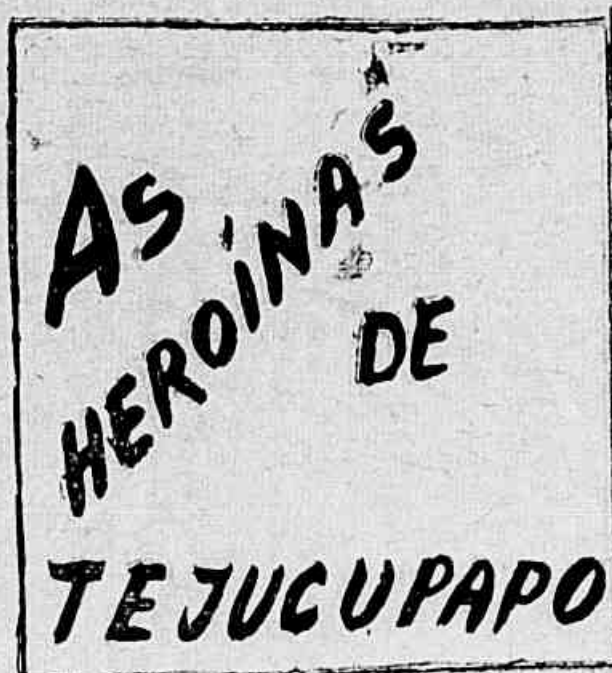
Nenhuma vaidade nos empolga. Domina-nos o sentimento cada vez mais forte de solidariedade, para que, fugindo do egoísmo humano, possamos juntas vencer os sofrimentos e conquistar a tranquilidade.

Não fugiremos à crítica. Aceitamo-la com serenidade para balanço das nossas experiências. Também a utilizaremos com a elevação de quem deseja edificar algo de útil, de produtivo, de honesto.

Assim é que, unidas num esforço comum, nascido do nosso próprio sentir, veremos com o fulgor dos tempos a realidade fecunda dos nossos anelos, que é a vida feliz para todos nós.

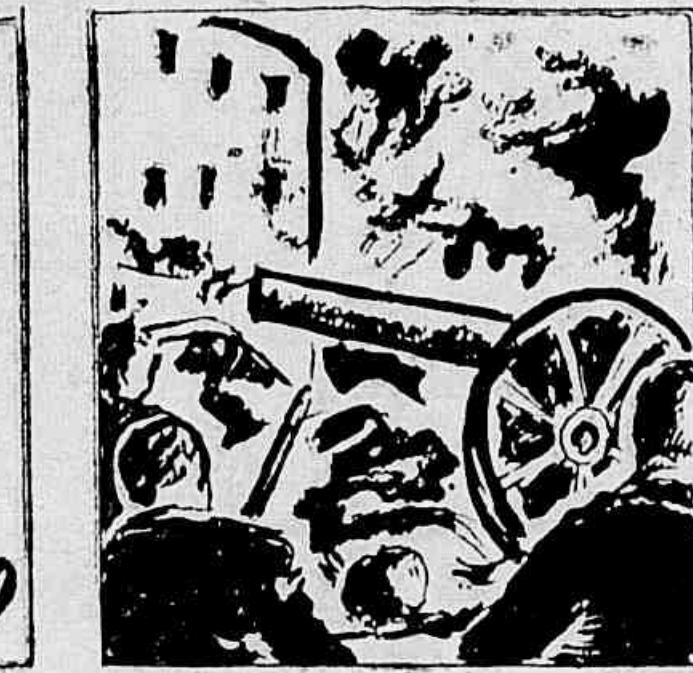
MOMENTO FEMININO refletirá força e energia, trabalho e vigilância, compreensão e altivez, porque está certo de que assim define a atitude da mulher brasileira.

ARCELINA MOCHEL



Desenho de EDIRIA

Aqui vocês encontrarão, minhas amigas, pequenas biografias de mulheres que souberam fazer de suas vidas uma trincheira de luta pela cultura, pela liberdade, pela jus-



tiça. Mulheres do Brasil e do mundo que são as nossas heroínas, nomes que amamos e reverenciamos. Neste número:

AS HEROINAS DE TEJUCUPAPO

1) Nos meados do século XVII, o Brasil

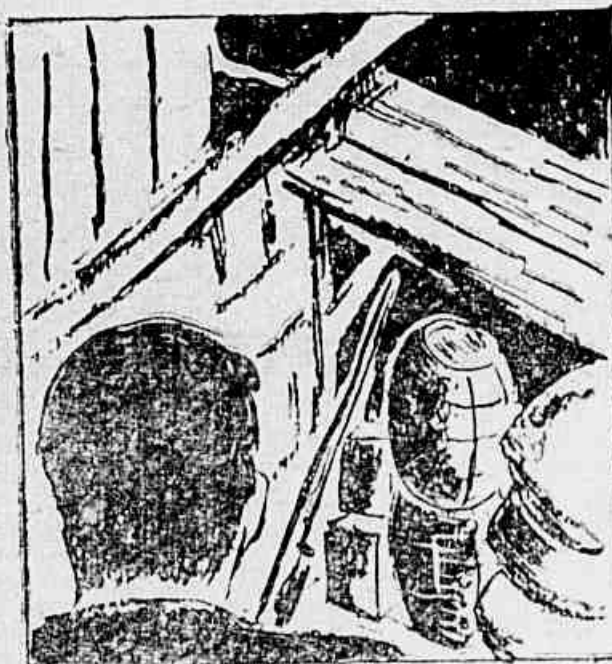


lutava pela formação de sua nacionalidade. Em Pernambuco travava-se a guerra contra os holandeses que haviam ali estabelecido sua dominação.

2) Tejucupapo, freguesia da capitania de Itamaracá, tinha uma população inferior a 100 mil almas e plantações de



mandioca e outros cereais. Os holandeses, encurralados em Recife, sem receber auxílios da Holanda e sofrendo na guerra contra os nativos algumas derrotas, necessitavam de alimentos. Em meados de 1446 saíram da Ilha para abastecer-se em Tejucupapo.



Foram rechaçados. Promoveram uma segunda investida e dessa vez conseguiram vitória.

4) Realizaram uma terceira investida com 600 homens. A ordem era assenhorear-se do campo, liquidar os moradores e carregar os mantimentos. Os habitantes de Tejucupapo, esperando novo ataque,



construíram uma espessa paliçada e a ela se recolheram com suas mulheres, filhos, armas e mantimentos. Esperaram os holandeses.

5) Trinta jovens, em emboscada, defendiam essa trincheira. Os holandeses atacaram, e logo morreu seu comandante. A resistência dos patriotas foi soberba.



Quando o combate estava em meio, entre cadáveres de homens, uma mulher levantou-se e apelou para os demais.

6) Todas as mulheres se uniram e, empunhando armas, distribuindo munições, auxiliando os feridos, puzeram em fuga o invasor com facho acesos nas mãos.

7) Glória à mulher brasileira. As heroi-



nas de Tejucupapo, defendendo sua terra, sua família e seus bens, nos ensinam a lutar pela Liberdade de nossa pátria, contra os estrangeiros que nos querem escravizar e roubar. Lutar unidas contra todos os que querem roubar a nossa terra, os nossos bens, os nossos lares, nossa Independência e nossa Liberdade.

Bodas de Prata

Lia Corrêa Dutra

Ela se ruborizou quando, ao entrar na igreja, com seu vestido cor de cinza, novo em folha, pelo braço do marido, também de cinza e também de roupa nova, todos se viraram para vê-los passar.

As notas da Marcha Nupcial, calando as orelhas, amplas, inesperadas — do alto do coro, tomaram de surpresa. Hué... Um casamento? Logo compreendeu o engano. Era para ela que tocava a Marcha Nupcial. Estava errado. Não sabia. Não sabia que para as Bodas de Prata também tocassem aquela marcha... Era como se estivesse se casando... como se estivesse se casando outra vez... Ou antes, como se estivesse se casando pela primeira vez, porque há vinte e cinco anos atrás, não houvera música no seu casamento de menina pobre, feito de graça e às pressas por um padre desconhecido. E justamente, naquela mesma Igreja, naquele mesmo altar, hoje iluminado e florido, onde já se esperavam os três filhos, a nora, o noivo e a filha, a netinha carregando a bandeja das alianças, o neto pequeno ainda no colo da ama. Ao avistá-la, o bebê começou a pular entre os braços da preta, e estendeu-lhe as maninhas gordas, com uma risada alta e clara, mais bonita, para ela, do que os sons da Marcha Nupcial. Bem que gostaria de tomá-lo no colo, sentir-lhe o calor da carne, a tenra e cheirosa contra o peito, ouvir-lhe os balbucios sem nexo bem junto a seu ouvido. Não podia, porém. A filha lhe explicara muito direito como deveria proceder: atravessar a igreja de braço com o marido, subir ao altar, ajoelhar-se no genuflexório, e esperar imóvel a entrada do padre.

Foi o que fez, submisso. Mas, antes de se ajoelhar, lançou um olhar para trás, e viu a pequena igreja de seu bairro quase cheia: parentes, amigos, vizinhos, curiosos. Os filhos tinham feito as coisas largamente. Que tolice! Ela que nunca fora mulher de andar metida em igrejas... Naquela igreja, por exemplo, tão próxima de sua casa, quantas vezes tinha entrado desde que morava no bairro? Entrara para casar-se, para o batizado de cada filho e de dois afilhados, para o casamento de Jorge, para o batismo dos netos. E entrara naquela manhã terrível da missa de sétimo dia de seu Marcos, aquela manhã terrível que só tivera, antes dela, outra manhã mais terrível: a que lhe trouxera, morto, para casa, o seu Marcos. O seu Marcos.

Poucas vezes tinha entrado naquela igreja. Não era mulher de andar metida em igrejas. Não que não tivesse a sua religião. Tinha. Estranha religião, mistura de catolicismo, espiritismo, superstições de todo feitio, tudo apoiado numa sólida base moral de respeito próprio, numa bondosa e ampla tolerância que inventava um perdão fácil para os erros alheios. Nem sempre fora assim. A idade é que a levava para aquela íntima paz, para aquela serena compreensão, para aquela aceitação tranquila dos seres e das coisas.

Dos seres e das coisas... Olhou para o marido ao lado. Vinte e cinco anos de casamento. Tinha aceitado; aceitara o homem, e o casamento, e a vida que tinha sido a deles. Tinha acabado por aceitar. Amém. Sorriu de leve, sua mão encostou na grande mão sardenta do homem, fez-lhe uma carícia leve, depois se uniu piedosamente à outra mão, num gesto de quem reza. Olhou para a família em pé no altar. Jorge. Estava magrinho, Jorge. Muito trabalho. Tão moço, e já mulher e dois filhos para sustentar. Bom e valente o seu Jorge. A nora, bonitinha, vestida de branco, agarrada ao braço do marido, naquele amor ainda novo, naquele amor que só tinha quatro anos. Lucia. Sua Lucia. Crescera depressa, a sua Lucia. Onde estavam suas trancinhas de alguns anos antes? Agora o cabelo se erguia num penteado alto, um pouco pretensioso, como o noivo gostava. Sua Lucia já noiva! Não podia pensar nisso sem um choque; sempre num espanto renovado. Sua Lucia já noiva. Rapaz bomzinho, o noivo. Bem empregado, sério, trabalhador; e demonstrando gostar muito de Lucia. Um pouco afastado, Gilberto, seu cacula. Parecia que era ontem ainda que lhe chegava em casa de calças rotas, os joelhos em sangue, depois de ter rolado aos tapas com o garoto que lhe fizera troca das sardas, chamando-o de "Estrelado". Sardento feito o pai; parecido com ele em tudo, até no gênio estabulado de eterna criança. Agora estava um rapagão bonito, para quem as moças já olhavam muito. Constatava até que tinha uma namorada. Talvez estivesse na igreja a namorada de Gilberto. Custou a reprimir a tentação de olhar para trás, de procurar descobri-la num dos bancos; estava certa de que a reconheceria que adivinharia logo, na igreja inteira, qual a moça que gostava de seu filho. Dezenove anos. Estava na Faculdade. Ia ser o primeiro doutor da família. Não o daria a qualquer moça; seria preciso que o merecesse. Que o merecesse... Entre todos eles, ali no altar, no meio do

grupo compacto de sua família, o lugar vazio que os outros não enxergavam, mas que ela via, o lugar vazio que nada seria capaz de preencher, que ninguém jamais haveria de tomar. O lugar de Marcos. Aquele lugar vazio, aquela lacuna na família reunida, aquele buraco fundo em seu coração; aquela chaga em sua vida. O lugar de Marcos, o lugar de Marcos...

Apertou mais as mãos unidas, abaixou a cabeça, encostou-a nas mãos.

— "Mãe está rezando" — pensou Lucia; e, cotucando de leve o braço do noivo, apontou-lhe a cena, com a pontinha do queixo. Sorriram.

Ela, no entanto, não estava rezando. Estava vendo, dentro de si mesma e no fundo dos tempos, o que tinham sido aqueles vinte e cinco anos, o que lhe tinham trazido, o que lhe tinham tirado, o que significavam para ela.

Vinte e cinco anos. Mais tempo do que a vida de cada um deles, ali em pé junto do altar. Vinte e cinco anos que tinham preparado a manhã de hoje, a reunião de todos, ali, junto ao altar. Vinte e cinco anos. Muito tempo. Eles mesmos não imaginavam quanto tempo isso significava; não imaginavam como tinha sido duro, e difícil, e árduo viver aqueles vinte e cinco anos para ter o direito de estar agora ali, ajoelhada naquela igreja que tão pouco lhe significava, ao lado

das duras mãos sardentas e vermelhas, no genuflexório a seu lado — o padre dizia incompreensíveis palavras em latim. Compreendia mais facilmente o balbucio sem sentido — sem sentido para os outros — que o neto agora lançava, espioteando no colo da mãe, e que depressa se transformaram em gritinhos contentes.

A pontadinha de ciúmes...

O padre agora estava falando em português, com um sotaque engraçado, de alemão. Que tinha aquele alemão de falar em sua vida, de dizer que se comemoravam, naquele momento, "vinte e cinco anos de fidelidade, vinte e cinco anos de felicidade"? Sabia ele de sua vida, do que fora sua vida? Não sabia. Evidentemente não sabia. Falava porque lhe tinham encomendado o sermão, e suas palavras sem calor não chegavam ao coração da mulher. Mas olhou para os filhos. Jorge estava pálido, emocionado; caíam lágrimas dos olhos de Lucia, e Gilberto mordida os beiços, naquele sestro muito seu, quando uma coisa o tocava fundo. As palavras daquele estranho comoviam seus filhos. E o marido... Olhou para ele. Reinaldo remexia-se, pesadão, jamanta como um urso engatolado; levava os dedos ao colarinho, esticava o pescoço, soprava alto. Emocionara-se também. Reinaldo também se emocionara com as palavras daquele homem...



daquela mulher de mãos sardentas, sob os acordes de um hino que deveria ter soado vinte e cinco anos antes, mas que então ficara mudo. Vinte e cinco anos. Muita coisa.

O padre entrou. Todos se levantaram. A cerimônia começou, suavemente, entre música, flores, incenso.

O netinho chorou no colo da ama, e seu coração bateu inquieto. Se pudesse pegar o menino, embala-lo, acalmar-lo, fazê-lo calar-se! Não podia. Que tolice! Aquela ama não tinha jeito. Ninguém tinha jeito para tratar dele. Nem a mãe. Ninguém, só ela, que entre seus braços ele se calava, e ria, e agitava os bracinhos, e acabava adormecendo, com a cabeça no ôco de seu ombro, o corpinho largado em seu regaço. Agitou-se olhou para a ama, para o menino, fez um sinal à nora. A moça sorriu, bateu de leve pancadinhas nas costas do bebê, acabou tomando-o ao colo; e ele se calou depressa. Uma pontadinha de ciúme no coração da avó. Ora essa, como a nora soubera acalmar-lo! Das outras vezes, só com ela... Desviou o pensamento da criança, prestou atenção no padre.

De mãos espalmadas — mãos brancas, esguias, transparentes, tão diversas daque-

Ha vinte e cinco anos, em seu casamento apressado, o padre não tinha dito nada. Talvez o mesmo padre. Não se lembrava mais. Este já era velho. Bem podia ter sido este. Se tivesse falado, não esqueceria; haveria de lembrar-se do sotaque alemão; mais esquisito ainda seria esse sotaque há vinte e cinco anos. Mas não falara. Fora a madrinha, zeladora da igreja, que lhe arranjara a cerimônia de graça. Por ela o casamento civil teria bastado; mas a madrinha dera gritos de escândalo, e a mãe de Reinaldo, velha avarenta, que os poderia ter ajudado, aceitou satisfeita a possibilidade de não gastar dinheiro. Eram pobres quando casaram. Reinaldo ganhava pouquinho, e ela saíra de casa com duas mudas de roupa por todo enxoval. Depois tinham ido melhorando. Outro emprego. Mais tarde, a gerência da loja. No nascimento de Lucia, que era a terceira, já não moravam no quarto da casa coletiva, já tinham sua casinha numa vila do bairro. Três anos depois, todos os seus filhos nascidos, compraram, com a herança da sogra — quem diria que a velha megera possuía mais de cem contos? — a casa onde moravam até agora, e que tinham ido, aos poucos, ampliando, tornando mais con-

fortável, até transformá-la na habitação aprazível que era hoje.

Mas, no intervalo, quanta luta! Nos dois primeiros anos de casados, com Jorge pequenino e quando já se achava grávida de Marcos, até fome tinham passado. Havia dias em que não tinha nada para cozinhar; para pagar a parteira, empenharam a máquina de costura onde ganhava um dinheirinho, e ficara privada de ajudar o marido durante algum tempo, até que puderam desempenhá-la; mas, para isso, tinham vendido as alianças. As que traziam no dedo só foram compradas muitos anos depois, com os quatro meninos já crescidos; justamente no 8.º aniversário de casamento. Muita luta. Costurara para muitas daquelas mulheres que hoje ali estavam na igreja; lembrava-se das vezes que tivera de ir à casa de D. Julia, receber o preço das costuras; uma mulher tão rica e tão má pagadeira, sem imaginar, talvez, que o dinheiro devido iria comprar o calçado de uma das crianças, o remédio de outra, o almoço do dia seguinte.

Muita luta. Desespero de noites em claro, pensando no aluguel que se vencia e que não tinham como saldar; desespero de noites em claro, esperando Reinaldo que não chegava, Reinaldo que estava jogando ou bebendo, ou ao lado de outra mulher, enquanto ela se consumia de ansiedade e humilhação; desespero de noites em claro junto ao berço de uma criança doente, de uma criança que o médico parecia enganar, mas que ela, a mãe, não consentia que morresse; desespero de noites em claro, na mesma cama que Reinaldo, quando já não o amava mais, quando não o queria, e que ele exigia seu amor. Desespero de tantas noites não dormidas, de tantas noites de lágrimas, de tantas noites de aflição, de tantas noites de ódio. Desespero, desespero, desespero...

Para agora vir aquele estranho, aquele padre que nunca a tinha visto, que não a conhecia, que não suspeitava sequer do que lhe ia no coração, e atrever-se a falar em sua vida. Sabia ele lá o que fora sua vida? Sabia algum dos presentes, no grupo familiar do altar-mór ou entre os conhecidos, os amigos e os curiosos que se amontoavam lá em baixo, sabia algum deles o que fora a sua vida?

"Vinte e cinco anos de fidelidade, vinte e cinco anos de felicidade..." — repetia o padre de sotaque alemão.

Vinte e cinco anos de fidelidade... Estava grávida do primeiro filho, deformada, enorme, com os pés inchados que não cabiam nos sapatos, quando surpreendera Reinaldo com a negrinha, criada da casa coletiva, abraçada, beijando-a... E aquela mulher, que durante meses o tirara de casa, e que o largara depois, vazio e murcho como um bagaço... E todas as aventuras mesquinhas, miudas, sem beleza, sem grandeza, sem amor, sem desejo profundo, sem desculpa, que tinham, aos poucos, desmontado Reinaldo a seus olhos, alheando-o, reduzindo-o a tão pouca coisa no seu sentimento e em sua vida.

Vinte e cinco anos de fidelidade... Estavam casados há dez anos, quando ela tinha conhecido Alfredo. E parecia que a vida ia recomençar, que ela remoqueava por dentro, que refluía como uma sempre-viva, posta novamente num jarro de água fresca. Alfredo quisera partir com ela, levá-la para longe, dar-lhe uma vida nova. Não tinha partido. Havia os filhos. Havia Lucia. Vira a filha deitada na cama, adormecida, as trancinhas descendo de cada lado do travesseiro. Podia deixar a sua filha? Não podia. Os outros três eram homens, parecia-lhe que mais facilmente se arranjariam, que passariam sem ela. Mas Lucia, que era fraquinha, Lucia, que era mulher, Lucia que iria ter talvez, mais tarde, uma existência igual a sua, ao lado de um outro Reinaldo qualquer... Não podia deixar Lucia. E Alfredo partira, e ela tinha ficado, sem, afinal, ter traído Reinaldo senão no fundo de seu coração.

E vinha aquele padre estranho, e falava em "vinte e cinco anos de fidelidade" com seu sotaque alemão.

Levantou os olhos. Os filhos ouviam respeitosamente, e Lucia tinha lágrimas nos olhos. O padre espalmava as mãos translúcidas. Junto dela, no encosto do genuflexório vizinho, as duas grossas mãos vermelhas e sardentas, com pêlos ruivos, juntavam-se como numa oração. Aquelas mãos descastradas que tinham quebrado tanta coisa frágil, tanta coisa preciosa, tanta coisa que nunca mais se poderia consertar.

"Vinte e cinco anos de felicidade" — E vinha aquele homem estranho, e falava em felicidade à mãe de um filho morto.

Ele não sabia que Marcos tinha morrido; ele nunca ouvira sequer falar em Marcos. Como podia ele saber quem tinha sido Marcos, e de que cor eram os olhos de Marcos, e como fora o som de sua voz e de seu riso, e aquele seu modo tão peculiar de

(Conclui na 4.ª pag.)



"FAMILIAS FELIZES NUMA FRANÇA PRÓSPERA E MUNDO DE PAZ" — RECLAMA O II CONGRESSO UNIÃO DAS MULHERES FRANCÊSAS

francêsas emergem aqui e ali, nesta sala que já parece, agora demasiado pequena.

Pouco depois, é eleita a presidente do Congresso e ocupa lugar na mesa. Entre as componentes destaca-se Mme. Eugénie Cotton, presidente da União das Mulheres Francêsas e da Federação Democrática Internacional de Mulheres, diretora das pesquisas no Centro Nacional de Pesquisas Científicas.

Ai estão também Marie Rabaté, Claudine Chomat, Yvonne Dumont, Lise Ricol, Jeannette Vermeersch, Marie Claude Vailant Couturier, Jeanine Saillant, Elsa Triolet, a mãe de Danielle Casanova, a de Rose Blanc, de Jacqueline Quatremaire, etc.

Antes de apresentar o seu informe, Mme. Cotton saúda, em nome do Congresso, cada uma das convidadas da Argélia, da Tunísia, do Marrocos, da África Equatorial Francêsa, da Martinica e de Guadalupe, do Viet-Nam, e as convida a fazer parte do presidium.

Momento muito emocionante. As delegadas, de pé, aclamam as representantes da União Francêsa.

O RELATÓRIO DE MME. COTTON

Inicialmente, Mme. Cotton declara: "É essencialmente em torno da família e da criança que sempre gravitam as preocupações de todas as mulheres. A criança é para a mulher o bem mais precioso. Quer defendê-la contra os perigos da fome, da enfermidade, da escravidão e da guerra".

Mme. Cotton aborda depois o problema tantas vezes debatido. "Como conciliar o direito ao trabalho e o direito à família?"

"De 8 milhões de trabalhadoras francêsas, 25% são casadas. É impossível atualmente, dispensar a mão de obra feminina.

As mulheres sustentaram nossa fama de trabalho de qualidade, no mundo inteiro, tornando-se, portanto, indispensáveis na engrenagem da atividade nacional: esta é a realidade".

É preciso ajudar as mães que trabalham a criar os filhos, e sobre este ponto Mme. Cotton pensa que a solução para o futuro será a de abrir creches, providas de pessoal qualificado, que também deverão prestar auxílio às mães que não trabalham dadas as dificuldades atuais da vida, filhas para o abastecimento, más condições de habitação, etc.

AS MULHERES E A PAZ

Mme. Cotton estende-se longamente sobre os problemas da paz e da democracia, tão sentidos pelos corações femininos.

Antes de concluir, Mme. Cotton faz questão de frisar que a União das Mulheres

Francêsas tudo fará para estreitar e reforçar os laços de amizade e de solidariedade entre os povos de ultramar e a metrópole.

Esponaneamente, as delegadas se levantam e encerram a sessão. Que mais bela afirmação de fé e vontade de ação, poderiam oferecer à sua presidente?

A VOZ EMOCIONANTE DA UNIÃO FRANCESA

Até o fim da sessão da manhã e durante parte da tarde, cada uma das delegadas de ultramar veio saudar o Congresso em termos emocionantes.

E cada uma delas apelou para que se ajude a Mulher e em favor do reconhecimento de seus direitos.

O fim da sessão da tarde haveria de ser consagrado à apresentação das conclusões dos trabalhos das quatro conferências nacionais encerradas segunda-feira à noite.

VIDA CARA, ABASTECIMENTO, PAO

Angela Chevrin, em nome da Comissão do "Abastecimento e Carestia" declara que as delegadas verificaram ser possível alimentar, vestir e calçar mais normalmente a população da França, se se facultasse a liberdade de comércio para todas as mercadorias existentes em quantidade suficiente.

Angela Chevrin, pintando de maneira magistral a situação do trigo na França, concluiu: "É preciso estimular a cultura de trigo. As mães de família preferem pagar o pão mais caro do que passar sem ele".

Sobre o controle dos preços, a União das Mulheres Francêsas propõe que se torne obrigatório o uso de etiquetas nos produtos, com preços marcados para as diferentes categorias do comércio.

DEFESA DA FAMÍLIA

Após esse relatório farto de documentação, mostrando o profundo sentido de responsabilidade do movimento, Simone Bertrand, em nome da conferência apresentou seu relatório sobre a família e propôs ao Congresso defender a Segurança social, ajudando às famílias a alcançar os seus direitos; promover uma grande campanha para que a assistência médica nas escolas seja feita de maneira séria e regular; criar nas aldeias "A casa social", com depósito de medicamentos, biblioteca, etc., onde as mães possam reunir-se e levar os filhos à consulta, etc., etc.

Helena Edlin, em nome da conferência das representantes municipais, mostrou como as vereadoras, tão inexperientes há dois anos atrás, souberam lançar-se resolutamente ao trabalho, a fim de poderem traduzir fielmente as necessidades de todos os lares.

(Copyright do "Serviço Francês de Informações" — Especial para a Revista "MOMENTO FEMININO".

O Congresso da União das Mulheres Francêsas realizou os seus trabalhos na Casa do Povo de Clichy. Muitas delegadas, chegadas pontualmente um pouco antes da hora marcada, deram uma volta no mercado instalado no "hall" do edifício e, por hábito, estabeleceram contato com as numerosas donas de casa do lugar.

As nove horas, 2.500 delegadas tomavam assento na imensa sala sem teto, onde o sol,

logo depois, viria importunar algumas fileiras de representantes.

Ao fundo, uma grande tela, cujo tema imprime a nota característica dos debates: uma jovem mamãe que estreita um pequerrucho em seus braços, num ímpeto de amor e de confiança, mas também de proteção. Esta figura de mãe se destaca numa enorme bandeira azul-branca-vermelha, parecendo dizer: "Sei que será feliz se o meu país for forte, livre e democrático".

Circundando a sala, os retratos das heroínas, emoldurados com bandeiras francêsas.

As belas toucas das nossas províncias

BODAS DE PRATA

(Conclusão da 3.ª pág.)

sungar os ombros, de roer a unha do polegar direito quando estava preocupado, ou distraído, ou mentindo... Não podia saber nada de Marcos, de sua vida curta, de sua morte súbita, do lugar vazio que tinha deixado. Então, com que direito lhe falava como se nada tivesse acontecido, com que direito aludia a vinte e cinco anos de felicidade?

Veio-lhe o desejo de mandar brutalmente que o padre se calasse. Reprimiu-o. Tomou um ar respeitoso, fez como se estivesse ouvindo e acreditando, e dando razão àquele estranho. Era isso o que os filhos esperavam dela. E não fazia sempre o que os filhos esperavam que fizesse?

A neta, cansada de estar de pé, de ouvir o longo sermão, bocejou de repente, com ruído; toda a côr-de-rosa que lhe forrava a boquinha escancarou-se, polpuda, úmida, brilhando, os dentes de leite apareceram, a língua gorda se enrolou. A avó sorriu ao bocejo da criança. Judaria, manterem a coitadinha de pé, naquela imobilidade, só porque ela e Reinaldo faziam vinte e cinco anos de casados. O pequeno adormecera no colo da ama. Estava louca para terminar a cerimônia e sair para o sol da manhã com os dois pequenos, um no colo, a outra pela mão, meter-se com eles em sua casa, e continuar seu tão querido ofício de avó, livre do vestido novo, do chapéu de plumas, do sermão do padre.

— "As alianças" — pediu o padre.

A nora empurrou a menina. Veio em passinhos miúdos, no seu vestido branco engomado, e estendeu a bandeja gravemente. Estava muito recomendada; deviam ter ensaiado longamente a menina, às escondidas da avó; e isso a emocionou muito mais do que a marcha nupcial, as flores no altar e o sermão do padre. Perdeu-se na contemplação da cabecinha lisa, admirativa, transbordando de amor pela criança, esquecida de atender ao pedido do padre:

— "Sua mão, minha filha".

Reinaldo cotucou-a. Compreendeu, afl-

nal, tirou os olhos de sobre a menina, ergueu-os para o padre, estendeu a mão. Os filhos, a nora, o noivo de Lucia, a ama do pequenino, todo o grupo do altar sorria para o velho casal. Estendeu a mão. A grande mão sardenta de Reinaldo tomou-a, como há vinte e cinco anos antes, e, da mesma forma como o fizera naquela época, enfiou-lhe tremulamente a aliança no dedo. O sentimento é que era diferente. Recebera o anel, há vinte e cinco anos passados, com emoção, esperança, amor. Fazia-o, agora, com a sensação de que aquilo era uma bobagem, uma cerimônia inútil, uma espécie de brincadeira de criança a que se prestava, como tantas vezes tinha feito na vida, para satisfazer a uma vontade dos filhos. Como tinha brincado com eles de comidinha, de amigo e amiga, de ciranda. Mas nem só o sentimento tinha mudado; muita coisa mudara. As mãos de Reinaldo, por exemplo, mais vermelhas, com veias encoroadas que antes não tinha, com os dedos já deformados pelo reumatismo. E as suas próprias mãos. Tinham sido finas, delicadas, macias; "mãos feitas flores" — dizia Alfredo. Porque pensar em Alfredo? Não devia pensar nele naquele momento, quando tinha a mão na mão de Reinaldo, e a mão translúcida do padre sobre ambas, abençoando-as. Se tivesse partido com Alfredo não estaria ali; ali, com a mão na de Reinaldo, com a aliança nova de prata enfiada em seu dedo que engrossara. Olhou para as mãos. Mãos de velha. Estava velha, e no lugar que lhe cabia, com seus filhos, com seus netos. Se tivesse partido com Alfredo não estaria ali; viveria uma vida diferente, talvez fosse mais feliz, mas não estaria ali, na igreja de seu bairro, com a família em volta, os amigos, os vizinhos, e aquele padre falando em vinte e cinco anos de fidelidade, em vinte e cinco anos de felicidade. Se tivesse partido com Alfredo, seus filhos teriam crescido longe dela. Marcos teria morrido longe dela, os netos teriam nascido longe dela. Se tivesse partido com Alfredo, o hino nupcial não teria soado para ela, hoje de manhã. Nunca tinha pensado nisso; talvez mesmo nunca mais tivesse pensado em Alfredo, conscientemente, desde que afastara de sua vida; nunca, ao menos, fizera aquela pergunta: — fiz bem, fiz mal em não ter partido com Al-

fredo? Achava agora que fizera bem.

O padre levantava as mãos, abençoava a assistência.

A cerimônia estava terminada. Reinaldo debruçou-se, beijou-lhe o rosto de leve. Recebeu-lhe o beijo sem repugnância como sem alegria; numa aceitação paciente, conformada. Afinal, pensando bem, via que nem tudo tinha sido sofrimento e decepção em sua vida. Havia horas felizes, satisfações; coisas boas de serem lembradas ao envelhecer. Aquêlê homem, Reinaldo, houve um tempo em que o tinha amado; é certo que chegara também a ter-lhe medo, ódio e desprezo. Mas, com os anos aquela violência fora se apagando. Tudo passou. Acabou compreendendo, perdendo, aceitando. Como se perdoar a um filho, como se aceitar os defeitos de um filho: com um coração limpo e maternal. A amizade que havia agora entre eles, fora estreitada pelos filhos que cresciam, pelos dias em comum, e a morte de Marcos trouxera-lhe uma solidez, uma intimidade, uma força que, desde então, desafiaram os anos, leva-los-iam à velhice lado a lado. Em nenhum ombro poderia ter chorado a morte de Marcos como no ombro do pai de Marcos.

Sorriu a Reinaldo. Ele lhe disse:

— "Obrigado, Maria. Você me fez feliz. Foram vinte e cinco anos de felicidade".

A declaração surpreendeu-a; olhou-o com espanto; depois, de leve, sacudiu os ombros. Talvez fosse verdade; quem sabe? Reinaldo esquecia tão depressa as coisas más. Devia estar sendo sincero. Alegrou-se em saber que o fizera também feliz, como aos filhos.

Iam sair da igreja. Ele lhe ofereceu o braço. Antes de sair, olharam para a família reunida no altar-mór. Ela compreendeu, ao ver seus olhos que se embacavam de lágrimas, que ele também via o lugar vazio de Marcos. Só ele e ela é que o viam... E isso era um segredo que os unia.

Desfilaram pela igreja. A netinha ia na frente, muito empertigada, em seu vestido branco. De cima do côro, as notas da Marcha Nupcial desabaram outra vez sobre suas cabeças. Viam o sol pela porta aberta. Sairam.

Fora, os filhos abraçaram-nos, risinhos,

barulhentos, alvoroçados. Jorge, Lucia, Gilberto. A nora. O noivo da filha. Os dois netinhos. Toda uma família. A Família. E ela sabia o que lhe custara, em dores, em desilusão, em paciência, em luta, em privações, em renúncias, tê-los todos ali, como se achavam naquele momento. E como isso lhe custara, e como isso a gastara, e como isso lhe doera. Ela sabia. Mas para que pensar nessas coisas? Já tinha pensado demais em tudo aquilo essa manhã.

Tomou os netos no colo, mergulhou o rosto nos dois pescocinhos mornos; o que desejava agora era chegar em casa, tirar a roupa nova e cuidar dos netos.

— "O sermão foi lindo, não foi Mamãe?" — perguntou-lhe Lucia.

Não valia a pena desmentir. Nem estava mais preocupada com o sermão. Respondeu apenas, apressando-os para partir:

— "Foi. Mas vamos para casa, que já passa da hora do almoço das crianças".

E puxou o marido pela manga, com sua mão onde brilhavam agora as duas alianças.



PARTICIPAR

YVONNE JEAN

Numa época onde o magnífico isolamento do Vigny é não somente impossível, mas ainda desprezível, nenhuma revista consciente — seja ela especializada — pode deixar de participar. Parece evidente. Infelizmente tem que ser explicado porque ainda não findou o debate entre os apóstolos da "arte pura" e os intelectuais clarividentes. Estes se dão perfeitamente conta que da solução dos problemas sociais depende a sobrevivência desta civilização que tanto louvamos. Não se trata de "politicagem": é simplesmente a defesa da própria vida.

O poeta que "não faz política" e só descreve flores ou cenas de amor pode ser assassinado por razões raciais, ou por acaso, ou por engano, sem que a sua não participação o salve. Pode também ser morto simplesmente porque é poeta. Isto é uma razão mais do que suficiente quando o nazismo manda e os nazistas tomaram a peito de comprová-lo. Um só exemplo bastaria, o de Garcia Lorca. Como o explicou magistralmente Carlos Drummond de Andrade "no poeta os fascistas queriam destruir alguma coisa mais do que o cantor despreocupado: visavam o próprio dom do canto, a alegria de exprimir em ritmo a pena, o amor, os trabalhos do povo."

Enfim, as bombas continuarão a cair cegamente e a matar indiferentemente o homem de ação e o adepto da não participação, enquanto houver gente para fazer guerras. Contra bomba mecanizada ninguém discute. E voltarão a cair bombas neste mundo nosso se o nazi-capitalismo não vier a ser substituído por um estado de coisas melhor. Não digo democrático porque é uma palavra que perdeu quasi o sentido, tanto e tão mal foi usada. Até Babbitt a defendia, e com ele todos os Babbitts do planeta.

E não é tão natural quanto o deveria ser este nascimento de uma era melhor porque demos um passo demasiadamente grande para trás. Repetiu-se muito que com o nazismo havíamos retrogradado a um estado de espírito medieval. Repetiu-se tantas vezes isso que a frase tornou-se estereotipada e, pronunciada mecanicamente, perdeu sua força. Mas o fato é que se chama hoje de nazismo — e tinha outro nome então, e está preparando um rótulo novinho para amanhã — não se deixa varrer assim duma vez! É mais fácil deixar as trevas envolver a humanidade do que concertar os estragos causados por um surto de selvageria tão forte quanto o nazismo.

Temos a ilusão de andar sempre para a frente, ainda que vagarosamente. Temos a certeza que uma volta para trás é impossível. Somos os devotos fiéis do culto Progresso. Acontece, porém, que muitas vezes recuamos de maneira trágica.

Um dos exemplos mais recentes a este respeito é a atuação do negro americano durante os oito anos que se seguiram à Abolição e sua situação de hoje. Cito este exemplo porque demonstra como um progresso humano admirável pode ser esmagado de maneira tão radical que nem a lembrança fique.

Depois da Abolição e após um período de adaptação nasceu em muitos Estados do Sul uma cooperação real e natural entre brancos e pretos. Os primeiros representantes de cor que entraram na Convenção como analfabetos irresponsáveis transformaram-se rapidamente em líderes conscientes no Congresso. A inimizade entre brancos e pretos não era absolutamente um complexo racial, mas uma desconfiança natural entre antigos donos e antigos escravos. Com a educação dos negros e a possibilidade de adquirir seu próprio pedaço de terra, propiciou-se sua união com os brancos pobres. Viveram juntos, lavraram juntos, mandaram os filhos estudar com o mesmo mestre. Os antigos latifundiários viram o perigo que os ameaçava e fundaram o Ku-Klux-Klan. Este foi organizado lentamente e arduamente e esperou a hora de agir, começando a lançar cuidadosamente as sementes de um complexo racial inexistente. E após oito anos, foi destruída uma obra magnífica de progresso e cooperação.

Este estrago irreparável não foi concertado durante os últimos setenta anos, bem ao contrário, e os Estados Unidos de 1847 nem se lembram da experiência tão bem sucedida de 1868. Este fato histórico, geralmente ignorado é uma eloquente demonstração das falhas de uma civilização tão elogiada!

E estamos, novamente, ameaçados de recuo. O veneno do espírito totalitário infiltrou-se com tanta segurança por toda parte que se torna cada dia mais difícil eliminá-lo radicalmente. Daí o papel importantíssimo dos livros e das revistas que têm o dever de apontar incansavelmente o perigo aos que ainda vivem desprevenidos. Daí a necessidade da participação total de todos, para os que querem continuar a viver já não digo para os que querem uma vida melhor.

Esta necessidade da participação impregna todas as páginas de uma das revistas mais belas, honestas e interessantes que existem: a revista "Europe".

"Europe", voltou a aparecer no começo do ano passado após seis anos de silêncio forçado, e seu primeiro número contém esta mensagem do saudoso Jean Richard Bloch:

"O empenho ("L'engagement") sempre foi, não somente nossa lei, mas nossa pedra de toque, nossa prova dos nove. Nunca acreditamos na "poesia pura", na "literatura pura", na "estética pura". Oh! Sabíamos o que era. Não ecamos, inteiramente, uns imbecis. E Mallarmé tanto nos comovia quanto Kafka... Mas não separávamos, não podíamos separar, alguma coisa dentro de nós impedia-nos de separar o escritor do povo e o destino do povo do destino da nação... Hoje não estamos mais sós... hoje somos uma multidão... Muito ingenuos seriam os que poderiam acreditar que o inimigo de ontem, o inimigo multifórmico ao qual estamos devendo a não intervenção, Munique, a invasão, a capitulação, a renúncia, a domesticação, que este inimigo tenha se dissolvido em fumaça. Este inimigo não se desarmará. Espera sua hora... Então os homens de "Europe" voltarão talvez a conhecer a solidão, mas encontrar-se-ão ao lado do povo, dentro do povo, dentro do partido da nação. Isto é o nosso empenho. Não vale somente pelo passado; vale para o futuro. E se temos a audácia desta promessa é porque temos o testemunho do nosso passado."

"Europe" pode recomendar-se de um longo passado clarividente, o que não pode ser dito de uma porção de revistas de pre-guerra. MOMENTO FEMININO, que não tem ainda passado, tentará de seguir exemplos como este. Desta vez são mulheres que participam e que advogam a necessidade imperiosa da participação geral à obra de paz.

Esta necessidade é também explicada, no mesmo número de "Europe" por Jean Cassou, que conclui com esta frase: "O poder de expressão nos foi devolvido: estamos, mais do que nunca, convencidos das responsabilidades e dos deveres que isto implica."

ARRANJOS DO LAR

MARIA LUIZA

Leitora amiga: esta seção tem como finalidade auxiliá-la a resolver um de seus problemas domésticos.

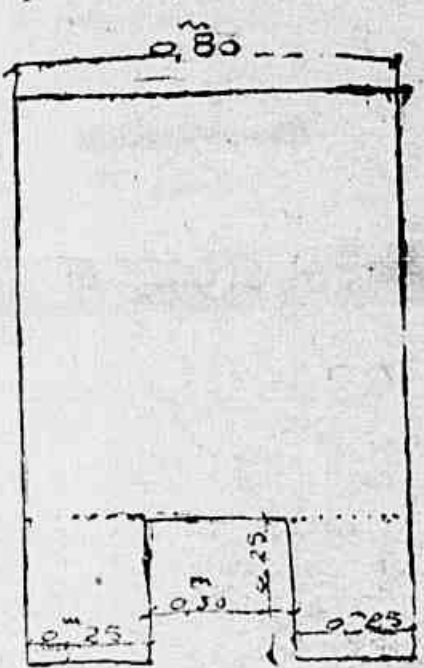
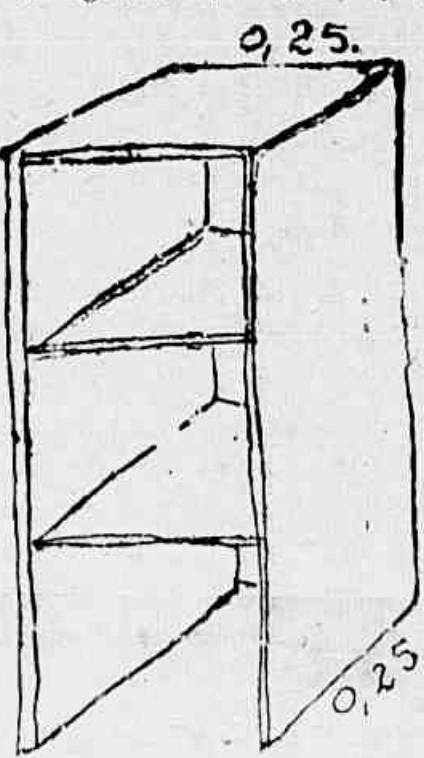
Vivemos hoje em dia em apartamentos tão pequenos e em quartos tão microscópicos que é uma dificuldade imprimir um ar agradável, mais do que

o custo. Nós mesmas poderemos fazer nossos móveis.

Para esta seção, como para todas as outras de nosso jornal pedimos o auxílio das leitoras amigas. Mandem-nos sugestões e façam-nos constatar.

No desenho ao lado apresentamos uma saleta-dormitório.

De noite será dormitório; de dia uma saleta bem agradável. Consta de uma tábua de 80x110 (desenho 1) pousada sobre dois caixotes de pinho (desenho 2) na parte da frente e presa à parede como uma prateleira, e de um divã



necessário a nossa vida. Não há nenhuma de nós mulheres que não se preocupe com os arranjos do lar. Nossa intenção é apresentar soluções práticas, de fácil execução e de baixo



co da saleta.

A banqueta pode ter um tampo e servir para guardar sapatos.

A mesa, a prateleira e a parte de madeira da divã podem ser laqueados de cinza ou apenas lustrados, turco de 80x180. Durante

o dia empurra-se parte da divã para baixo da mesa.

A cortina, a colcha, o tampo da banqueta e uma das almofadas quadriculadas devem ser de fazenda grenal, e as duas outras lisas, com friso claro. O abat-jour também é claro.

Educação Física

Por LYGIA MARIA LESSA BASTOS

Quando iniciei o magistério da educação física ainda encontrei forte oposição por parte de certos pais imbuídos de preconceitos que felizmente já vão desaparecendo. Não raro, as próprias mães e meninas arquitetavam mil pretextos para conseguirem dispensa das aulas. Essa resistência passiva, porém, foi enfraquecendo pouco a pouco e hoje, salvo raríssimas exceções, a educação física é praticada com satisfação dos pais e alegria das moças e meninas. Já passou, portanto, a fase de propaganda, a que não fui estranha, pois, não só por escrito e verbalmente nela colaborei, como até o fiz praticamente em exibições nos clubes esportivos com numerosos grupos de atletas por mim treinadas em desportos coletivos e individuais.

Felizmente a mulher brasileira já está convencida de que a prática de exercícios físicos representa uma necessidade para a manuten-

ção da saúde e da beleza física e isso é o essencial. Já agora não se poderá repetir mais o que em 1922 dizia o Dr. Fernando de Azevedo: "Em toda a atividade desportiva do país sente-se uma grande falta: a da mulher". Contamos nomes de valor internacional na natação e quer no basquetebol quer no voleibol, possuímos elementos que farão brilhante figura em qualquer parte. Mesmo no atletismo as nossas moças estão se apurando a ponto de superarem recordes sul-americanos.

Entretanto, convém ponderar que a criação desses valores pessoais não resolve o nosso grande problema da educação física, porquanto o essencial é convencer a Juventude da necessidade de praticá-la "e o conscientizarmos". Essa é a grande questão.

Tanto por dever de ofício como por amor aos desportos, pois não só os pratiquemos em suas múltiplas modalidades

des como nelas iniciei algumas dezenas de jovens brasileiras, pude fazer observações que me levaram à conclusão de que muita coisa errada se tem feito no Brasil em matéria de educação física, a qual vai sendo desviada de sua verdadeira finalidade pelo espírito de competição, pela preocupação única de melhor performance ou de bater recordes.

Já tenho observado casos de estafamento por excesso de treinos, assim como deformações fisiológicas decorrentes da prática exclusiva de um esporte. Além disso, muitos estudantes de ambos os sexos têm prejudicado os estudos, sacrificando tempo e energias físicas em prolongados e repetidos exercícios com os quais julgam adquirir melhor forma. A juventude deve ser inspirada pelo espírito esportivo mas nunca pelo espírito competitivo.

Urge fiscalizar a educação física em todos os centros esportivos pois não raramente o clubismo cega os técnicos a ponto deles não verem nada além do que lhes possa garantir vitórias e, conforme já ensinava Aristoteles, focalizando esse tema há mais de 350 anos antes de Cristo: "E' preciso não fatigar o corpo e a inteligência ao mesmo tempo. Cada um desses gêneros de fadiga, produz efeitos opostos: a fadiga do corpo é nociva ao desenvolvimento do espírito e a do espírito ao desenvolvimento do corpo". Essa observação do grande filósofo grego deve ser objeto de frequente meditação a todos quantos tenham respeito, habilidade no assunto, pois a educação física da juventude feminina e masculina não deve ser desviada de sua verdadeira finalidade.

Como esta pequena frase encontra ressonância no Brasil recém saído, não da ocupação estrangeira, mas do peso da ditadura, sofrendo ainda todas as convulsões de um nascimento difícil.

Mas aqui, como lá, existe a grande ajuda da esperança e da fé no futuro, concretizada, sempre no mesmo número de "Europe", por Pierre Unik: "N'en déplaise aux éternels contempteurs de la raison, n'en déplaise aussi à ceux dont la passion inavouable est le regret d'un passé qui cherche à se survivre par le mensonge, la terreur et le sang, le monde merveilleux de demain se fera. Il se fait. Et la poésie le charment."

Cito diversos trechos para mostrar quanto consciente da sua responsabilidade é cada colaborador da revista. Dir-me-ão: "Aragon fala unicamente de Gérard de Nerval". Mas participar não quer dizer, em absoluto, deixar a política, deixar uma idéia só embeber cada frase escrita. Quer dizer: ter no fundo de si mesmo a consciência do valor real do homem e agir em consequência. Não é preciso conhecer o passado de Aragon, nem sua atuação durante a resistência para sentir que cada palavra sua está impregnada do respeito ao homem e suas manifestações mais altas. Quando nos dirige pelos caminhos do "beau chant nommé poésie" indica os caminhos esperanças dos que fazem parte duma coletividade fraterna e por isso mesmo jamais desanimarão.

Lembrei "Europe" como um exemplo, um exemplo que nos vem desta França da qual sempre esperamos tanto porque nos faz pensar com clareza. O sentido desta clareza francesa foi explicado uma vez por André Siegfried num artigo onde examinava a contribuição da França à civilização no domínio espiritual e a importância desta contribuição. "E' porque temos uma confiança — direi magnífica — na inteligência humana... Acreditamos profundamente que existe uma verdade humana, a mesma para todos os homens, e eslimamos

que esta verdade pode ser descoberta pela inteligência e exprimida pelas palavras... Um pensamento somente começa a existir para nós quando pode ser expresso... só existe para nós quando fica claro, libertado do caos, lícido, quer dizer luminoso."

A inteligência humana tem uma única tarefa a cumprir no momento: ajudar ao estabelecimento da paz. Não terá acabado a guerra enquanto houver torturados nas prisões de Franco, linchamentos de negros, guerra na China, revoltas em muitas partes do mundo, povos dominados por outros, judeus errantes à procura de um abrigo, governos incapazes de dar comida, agasalho e moradia a todos os indivíduos. Tudo isto é um problema só: o problema humano. E é lógico que os fascistas não o compreendem porque eles não amam o homem. Ficam de fora do ambiente humano e esperam que os cegos façam-lhes novos Munique para preparar-lhes novos caminhos.

No número de "Europe" ao qual me referi, estão citados três textos retrospectivos, apontando três etapas trágicas: a guerra de Espanha, Munique e a invasão da Tcheco-Slováquia. Se ainda há gente imaginando que Munique foi apagada pelo veredicto de Nuremberg e que a invasão da Tcheco-Slováquia podia ser esquecida com o fim das hostilidades, ou, será alguém afirmar que a guerra de Espanha pertence ao passado? Sua continuação até hoje é um fato. Enquanto houver fatos como este os pintores pintarão naturalmente Guerras mesmo que tenham desejado pintar Anunciações.

Estamos ainda em plena luta e seria bom que todos tomássemos conhecimento deste fato. Principalmente as mulheres. Acabaram-se os tempos que negavam às mulheres o direito de tomar parte. Os homens, até agora, têm sabido fazer a guerra. Agora cabe às mulheres comprovar-lhes que sabem fazer a paz.

Falam as

AUTONOMIA, EDUCAÇÃO, LEITE PARA AS CRIANÇAS, ASSISTÊNCIA AOS MENORES — CLAMAM AS PARLAMENTARES CARIOCAS. URGE A CONSTRUÇÃO DE GRANDES BLOCOS RESIDENCIAIS. LEGENDAS DAS FAVELAS. FILAS — O CÍRCULO QUE ESTÁ FALTANDO AO INFERNO DE DANTE

Ligia pensa que é sempre difícil o abastecimento dos grandes centros urbanos e esclarece:

— Principalmente num país como o nosso, onde há deficiência de transportes, as tarifas são exorbitantes e os intermediários regulam a entrada de gêneros de acordo com os interesses da especulação. Julgo que grandes cooperativas poderiam atenuar a crise, enquanto o governo não se convence de que a atual C. C. P. deve ser transformada em simples Comissão Fiscalizadora do Comércio.

— Se o governo eliminar os açambarcadores, — fala, agora, a vereadora Mochel — se ampliar o mercado interno e os meios de transporte e facilitar os meios de incremento à produção, tais como distribuindo terras a quem as queira lavrar, é claro que a questão do abastecimento rumará para uma solução rápida.

Refere-se, então, a convênios celebrados para satisfazer produtores inescrupulosos. Exemplifica com o

caso da banha e termina, a razão:

— A Municipalidade deve esse problema, facilitando créditos, diminuindo taxas e criando mercadinhos e feiras, e intensificando a fiscalização.

Agora, é Sagrador quem há alguém ao lado para atender?

— É bastante complexo, as consequências o problema é dedicado muitas horas à sua solução, asseguro que pro

O PROBLEMA DA ED

Este é o ponto que venha. Ligia recorda, então, as medi

Ligia Maria
Lessa Bastos

Odila

NA história do progresso feminino no Brasil, a eleição de quatro mulheres para a Câmara Municipal constitui, sem dúvida, um dos pontos mais altos e mais belos. Depois de fechada e muda durante todo um decênio essa tribuna do povo, eis que agora se reabre, após um pleito que empolgou a população carioca e, entre os seus componentes, lá estão quatro jovens figuras femininas. E, agora, que surge, na metrópole, o nosso jornal, voz ampla e clara, dirigida à nossa grande massa populacional feminina, — está evidente que seriam as vereadoras as primeiras a serem ouvidas, tanto mais que, para honra e glória da mulher brasileira, estão elas cumprindo dignamente os mandatos que receberam do povo.

O ASSUNTO QUE MAIS AS EMPOLGA

Foi na própria Câmara Municipal que conversei com Ligia e Odila, Sagrador e Arcelina. O que logo verifiquei foi que não só eu as esperava. Mulheres com memoriais, grupos e comissões aguardavam como eu. Como eu e o fotógrafo, devo acrescentar.

De modo que foi só depois de alguns minutos, após deixarem a sala das sessões, que pude fazer-lhes a minha primeira pergunta: MOMENTO FEMININO desejava saber qual o assunto que, no momento, mais preocupa as vereadoras.

Ligia Maria Lessa Bastos — que tem tido, como parlamentar, uma brilhante atuação em defesa do professorado responde, prontamente, que é o problema da educação e, com decisão, acrescenta que faltam, no Distrito Federal, escolas e professores.

— O problema do leite para as crianças — foi a segura resposta de Odila Schmidt.

Recordo, então, o discurso que ela pronunciou há dias, tão claro, sobre o problema, nar

rando as manobras da C. C. P. L. e apontando acertadas medidas para uma nova política do leite. E friso que milhares de mães a escutaram também, com os seus rádios ligados para a Roquette Pinto, atentas e agradecidas.

Sagrador de Scuvero, um dos três vereadores que teve a coragem de "furar" a dolorosa realidade do SAM e a coragem maior de denunciá-la da tribuna da Câmara, é uma apaixonada da assistência social. Assim, ela declara que, realmente, é esse o setor a que consagra as suas mais intensas atividades, principalmente o Serviço de Assistência a Menores.

Arcelina Mochel em seguida, com a sua ardente palavra — a qual tem estado sempre a serviço dos interesses do povo — responde:

— Empolga-me, no momento, o problema da autonomia do Distrito Federal, porque constitui a maior reivindicação política do povo carioca, a qual nos cumpre ardorosamente defender. Mais ainda: não compreendo outra política mais justa do que a de dar ao povo da capital da República o direito de eleger o seu prefeito, aquele administrador público que mereça, realmente, a confiança popular.

E conclui:

— Só com a autonomia do Distrito Federal é possível resolver os angustiantes problemas do povo.

ABASTECIMENTO

A segunda pergunta que faço às entrevistadas, diz respeito ao abastecimento no Distrito Federal e indago da solução para o mesmo.

Eis as respostas que ouvi:

— A solução — explica Odila Schmidt — está na divisão das terras do sertão carioca e na entrega das mesmas aos pequenos lavradores que passarão a abastecer o Distrito Federal.

Falam as eleitas do Povo

Reportagem de
MAURA DE SENA PEREIRA

AUTONOMIA, EDUCAÇÃO, LEITE PARA AS CRIANÇAS, ASSISTÊNCIA AOS MENORES — CLAMAM AS PARLAMENTARES CARIOCAS. URGE A CONSTRUÇÃO DE GRANDES BLOCOS RESIDENCIAIS. LEGENDAS DAS FAVELAS. FILAS — O CÍRCULO QUE ESTÁ FALTANDO AO INFERNO DE DANTE

Ligia pensa que é sempre difícil o abastecimento dos grandes centros urbanos e esclarece:

— Principalmente num país como o nosso, onde há deficiência de transportes, as tarifas são exorbitantes e os intermediários regulam a entrada de gêneros de acordo com os interesses da especulação. Julgo que grandes cooperativas poderiam atenuar a crise, enquanto o governo não se convence de que a atual C. C. P. deve ser transformada em simples Comissão Fiscalizadora do Comércio.

— Se o governo eliminar os açambarcadores, — fala, agora, a vereadora Mochel — se ampliar o mercado interno e os meios de transporte e facilitar os meios de incremento à produção, tais como distribuindo terras a quem as queira lavrar, é claro que a questão do abastecimento rumará para uma solução rápida.

Refere-se, então, a convênios celebrados para satisfazer produtores inescrupulosos. Exemplifica com o

caso da banha e termina, a razão:

— A Municipalidade deve tomar firme posição ante esse problema, facilitando créditos aos pequenos lavradores, diminuindo taxas e eliminando certos impostos, cobrando em todos os bairros sobre o comércio negro.

Agora, diz ela — nas suas causas e consequências o problema do abastecimento. Tenho a dizer — a questão do abastecimento, não se resolve no estudo e, no sentido de colaboração.

— É bastante complexo o problema da educação primária, a ele dedicado muitas horas. Sua solução, asseguro que

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

Este é o ponto que vem agora, para a conversa. Ligia recorda, então, as me-

resolvê-lo. São elas. Autorizar a matrícula de meninos pobres, por conta da Municipalidade, nas escolas primárias particulares; impedir que se confie à mesma firma a construção de mais de um prédio escolar, a fim de evitar o que está acontecendo com as escolas de Kosmos, D. Clara, Mendanha e Camará; nomear, desde já Professores auxiliares as professorandas do Curso Normal; transferir para outro estabelecimento de ensino o

ginásio que funciona no Instituto de Educação, para que este possa corresponder à sua finalidade primordial, que é a formação de professores.

Arcelina refere-se ao número cada vez mais elevado de crianças analfabetas. — A educação de nossa infância — afirma — fica à mercê da vontade dos senhores secretários de Educação, sempre instáveis em seus cargos. Eles nunca levaram em consideração que há, no Distrito Federal, 330.000 crianças em idade escolar e que somente 100.000 — sublinha com amargura — frequentam escolas, porque não só há falta de escolas como de professores e, ainda, de possibilidades materiais da parte das famílias pobres para manterem seus filhos na escola.

Depois de outras considerações, remata:

— Minha opinião é que o problema educacional primário em nossa metrópole depende apenas da elaboração e execução de um plano, que inclua: prédios e instalações escolares, perfeito funcionamento das escolas, justo aproveitamento das professoras com maiores vantagens materiais, igualdade de tratamento às crianças necessitadas e absoluta assistência sob o ponto de vista do material didático.

Sagror volta ao grupo. Ouve as últimas palavras da colega e diz por sua vez:

— Neste assunto, dois temas me apaixonam: ensino gratuito em toda a sua extensão e, mais do que isso, auxílio social aos estudantes de 13 anos em diante que deixam de estudar para ganhar o pão e aos menores de 13, que não vão para a escola por terem de ajudar os pais, ou para carregar água, o que é comum. Sim, porque só deste modo a educação, nesta terra, deixará de ser privilégio de alguns, para ser um direito de todos.

Reclamo, nesta altura, a opinião de Odila Schmidt, que vem condensada e precisa nestas palavras:

Sagror Scuvero

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Ligia Maria Lessa Bastos

Odila Schmidt

Arcelina Mochel

Confessa que tem projetos nesse sentido e se apressa a transmitir a notícia a todas as fãs da popular locutora de "O mundo não vale o seu lar."

— A solução? — diz Ligia Lessa Bastos. — Está, sem dúvida, na construção de conjuntos residenciais, têm bem estudados e projetados pela engenheira Patrícia Camen Portinho. Os vários tipos desses conjuntos residenciais satisfazem as mais variadas necessidades, se a qualquer nível social.

Compreendi que a resposta de Ligia envolvia a solução para o problema das favelas. E ouço, em seguida, a explanação de Arcelina Mochel:

— E de fazer do (e brilhar os seus olhos morenos) é de fazer do — repete com ênfase — apreciar-se como aprecio, diariamente, na Câmara, providências contra despejos em massa e a derrubada dos barracos, de que resulta ficarem centenas de pessoas dormindo ao relento. Entretanto, o governo da cidade pode resolver essa situação, através da imediata construção de parques proletários e grupos residenciais, aproveitando terrenos do Município e da União.

Passa, em seguida, a discorrer sobre as favelas, afirmando que "cerca de 400.000 pessoas habitam esses redutos de miséria." E descreve:

— A condição de vida nas favelas é a mais precária possível. São casebres feitos de pedaços de tabuas, de latas velhas, e cobertos de zinco estragado. Reina a promiscuidade. Imperam todas as doenças, decorrentes da ignorância e da falta de asseio, de água, de alimentação. As favelas são focos de desajustados. Devemos, pois, preocupar-nos com o seu extermínio. No entanto, não é possível eliminá-las do dia para a noite, com planos de demolição pura e simples. Aliás, isso é o que se tem feito.

Crítica, a seguir, a drástica medida e analisa os seus lamentáveis resultados.

— De minha parte — acentua — empregarei na Câmara todos os esforços para que deixe de existir essa espécie de vergonha pública. Não é de hoje que conheço

(Conclui na 5.ª pag.)

Arcelina Mochel



Ligia Maria Lessa Bastos



Odila Schmidt



Sagror Scuvero



Arcelina Mochel

Na história do progresso feminino no Brasil, a eleição de Ligia Lessa Bastos para a Câmara Municipal constitui, sem dúvida, um dos pontos mais altos e mais belos. Depois de fadada e muda durante todo um decênio essa tribuna do povo, da que agora se reabre, após um pleito que empolgou a população carioca e, entre os seus componentes, lá estão quatro jovens figuras femininas. E, agora, que surge, na metrópole, o nosso jornal, voz ampla e clara, dirigida à nossa grande massa populacional feminina, — está evidente que seriam as vereadoras as primeiras a serem ouvidas, tanto mais que, para honra e glória da mulher brasileira, estão elas cumprindo dignamente os mandatos que receberam do povo.

O ASSUNTO QUE MAIS AS EMPOLGA

Foi na primeira Câmara Municipal que conversei com Ligia e Odila, Sagror e Arcelina. O que logo verifiquei foi que não só eu as esperava. Mulheres com memoriais, grupos e comissões aguardavam como eu. Como eu e o fotógrafo, devo acrescentar.

De modo que foi só depois de alguns minutos, após deixarem a sala das sessões, que pude fazer-lhes a minha primeira pergunta: **MOMENTO FEMININO** desejava saber qual o assunto que, no momento, mais preocupa as vereadoras.

Ligia Maria Lessa Bastos — que tem tido, como parlamentar, uma brilhante atuação em defesa do professorado responde, prontamente, que é o problema da educação e, com decisão, acrescenta que faltam, no Distrito Federal, escolas e professores.

— O problema do leite para as crianças — foi a segura resposta de Odila Schmidt.

rando as manobras da C. C. P. L. e apontando acertadas medidas para uma nova política do leite. E friso que milhares de mães a escutaram também, com os seus rádios ligados para a Roquette Pinto, atentas e agradecidas.

Sagror de Scuvero, um dos três vereadores que teve a coragem de "furar" a dolorosa realidade do SAM e a coragem maior de denunciá-la da tribuna da Câmara, é uma apaixonada da assistência social. Assim, ela declara que, realmente, é esse o setor a que consagra as suas mais intensas atividades, principalmente o Serviço de Assistência a Menores.

Arcelina Mochel em seguida, com a sua ardente palavra — a qual tem estado sempre a serviço dos interesses do povo — responde:

— Empolga-me, no momento, o problema da autonomia do Distrito Federal, porque constitui a maior reivindicação política do povo carioca, a qual nos cumpre ardorosamente defender. Mais ainda: não compreendo outra política mais justa do que a de dar ao povo da capital da República o direito de eleger o seu prefeito, aquele administrador público que mereça, realmente, a confiança popular.

E conclui:

— Só com a autonomia do Distrito Federal é possível resolver os angustiantes problemas do povo.

ABASTECIMENTO

A segunda pergunta que faço às entrevistadas, diz respeito ao abastecimento no Distrito Federal e indago da solução para o mesmo. Eis as respostas que ouvi:

— A solução — explica Odila Schmidt — está na divisão das terras do sertão carioca e na entrega das mesmas aos pequenos lavradores, para que possam abastecer o Distrito Federal.

A MODA

estampando modelos, publicando móveis e saluando das últimas novidades. E o que nos propomos, numa ajuda constante, as nossas amigas, procurando uma espécie de propagação do bom gosto para atingir a um ideal de simplicidade elegante.

Hoje as nossas modelos são francesas: podem ser confeccionadas em tecido de lã.

Aconselhamos tons discretos e harmoniosos, principalmente para o vestido em duas cores. Daremos sempre muitas sugestões e atenderemos em nossas colunas aquilo que nos for possível.



P. aquino



G. M.

Os modelos franceses continuam chegando com o mesmo prestígio de sempre. São como sabemos originais e trazem sua marca de exclusividade com os nomes famosos de costureiros parisienses.

Aqui no Brasil logo que chegam conseguem a multiplicação. Andam tão espalhados que chegamos a nos lembrar dos excepcionais moldes de Jean Patou que serviram para muitas das mulheres operárias da União Soviética. Eram de certo, notáveis e elegantes, há como aqui as mulheres realizam por processos diferentes as suas preferências.

MOMENTO FEMININO terá sua cronista vigilante para divulgar entre suas leitoras, os processos da moda

MUNDO DE HOJE...

(Conclusão da 2ª pag.) os direitos dos homens. O mesmo acontece na República Popular da Mongólia. Na Coreia do Norte depois de 30 anos de escravidão sob o jugo japonês, a "União Democrática das Mulheres Coreanas" com 1.014.337 membros, conquistou nas últimas eleições que 13% dos candidatos eleitos fossem mulheres.

São notícias dos países que a guerra devastou, que o fascismo sangüinário inundou de todas as misérias. São os novos países do mundo reconstruindo-se para a paz e para a democracia.

Nos Estados Unidos, o "Congresso das Mulheres Americanas" conta 192.000 membros. As forças reacionárias de Norte América, com o Sr. Truman à frente, tentam liquidar com a obra democrática do grande Roosevelt. As mulheres americanas, como o povo lanque, lutam contra a política imperialista, reacionária fascista, de Truman. Cabe ainda a mulher democrata americana a luta pela liberdade e pelos direitos da mulher negra, que o preconceito sócio-racial tanto escraviza e humilha.

Também na América Latina se organizam as mulheres. Movimentos ainda débéis, ainda incompreendidos pela maioria feminina, mas já traçando caminhos mais amplos para uma jornada mais segura.

Mas, minhas amigas, há países onde as mulheres estão sofrendo demasiado: Grécia, Portugal, Espanha e Paraguai.

Na Grécia o fascismo não quer morrer. Em 20 de dezembro de 1946 o governo fascista desse país deportava 5.588 mil gregos e entre eles 651 mulheres e 85 crianças. Mas as mulheres gregas continuam lutando até a conquista final da democracia, e a Federação Pan-Helênica de Mulheres conta 125.000 membros.

Portugal vive há 20 anos sob o jugo fascista de Salazar. Mas seu povo não esmorece na luta. Em Portugal só votam as mulheres que pagam mais de 200 escudos de imposto por ano. As mulheres e o povo português estão decididos a reconquistar sua liberdade e seu futuro.

Espanha, pátria dos assassinos e dos heróis, é uma afirmativa constante: se o fascismo continuar na Espanha, não terminará o fascismo no mundo. É necessário, por isso, que todas as mulheres, como todos os povos de todos os países, se unam para a luta contra Franco, que é a luta contra o fascismo internacional.

E nós, no Brasil? Nossas conquistas têm sido lentas, mas obtidas. So-

mos hoje as mulheres das filhas de gêneros alimentícios, as mulheres sem salário igual, sem garantias constitucionais, porque o governo do general Dutra não respeita a Constituição. Nosso direito ao voto fez-nos eleger quatro vereadoras. Qualquer cassação de mandatos representará um escárnio ao nosso direito de cidadãs. O artigo 164 da Constituição assegura assistência à maternidade, à infância e à adolescência. O artigo 165 declara a educação direito de todos. Para o cumprimento desses artigos, para defesa de nossos direitos, para defesa de nossos lares e de nossa pátria, só há um caminho: o de nossa união. Deixemos de lado nossas divergências políticas: não pensemos em nós mesmas mas em coisa muito maior que nossas pequenas desavenças: pensemos no Brasil, nossa pátria. Quem deve mandar em nossa casa? Nós! Então vamos mandar em nosso país, que é a nossa casa maior. Vamos criar uma democracia verdadeira, vamos evitar que estrangeiros cupidos nos roubem. Que queremos, de que precisa-

ATIVIDADES femininas

o jornal feito por mulheres, com o objetivo de unir, esclarecer, ajudar as massas femininas e lutar, semanalmente, todas as mulheres com a sua menagem — não poderia deixar de possuir uma seção destinada a refletir os movimentos associativos femininos no Brasil, as lutas, as esperanças e os problemas das mulheres organizadas.

Eis por que já solicitamos, com a nossa palavra de saudação, a todas as organizações femininas brasileiras, de que temos conhecimento uma cooperação permanente com o nosso jornal. Renovamos, agora, este apelo amigo e esperamos que todas vocês, dirigentes de associações femininas, nos ponham sempre a par da marcha e da aspiração das mesmas, para aqui poderemos divulgá-las.

"Atividades femininas" — não significa, apenas, uma seção imprescindível, senão também fundamental deste semanário, consagrada à tarefa construtiva e patriótica de unir as mulheres brasileiras. Ela é, assim, alguma coisa como uma base, uma viga, uma fonte. A voz da mulher organizada soará nela, inspirando a todas as mulheres. As duras experiências, as lutas áspers da vida associativa serão contadas aqui. Todas aprenderemos então. E as vitórias, embora pequenas, valerão por um grande canto claro, por um imen-

so fruto partilhado por todas.

Instituto Feminino de Serviço Construtivo — Reune-se todas as quartas-feiras, às 17.30 horas, à rua Marquês de Abrantes, 141. Realizou, há pouco, a memorável Semana da Solidariedade Humana. Vem trabalhando, incessantemente, pela paz, pelo entendimento entre as organizações femininas e pela assistência aos psicopatas e aos leprosos.

União Feminina do Flamengo, Catete e Glória — Reunio às terças-feiras, às 20 horas, na sede da Instituição Carlos Chagas (Marquês de Abrantes, 141). Fundou uma Cooperativa de Consumo. Tem distribuído as suas associadas: feijão preto, banana, azeite e tecidos populares. Na base das conclusões das suas comissões do trabalho, tem enviado relatórios e memoriais às autoridades, visando o barateamento da vida. Tem um Curso de Corte e Costura, Bordados e Flores e iniciou a luta em prol da alfabetização das mulheres.

União Feminina de Copacabana — Reune-se às segundas-feiras, no Cassino Atlântico, às 20 horas. Possui uma brilhante Comissão Técnica e lançou a ideia de uma grande passeata de silencioso protesto contra a carestia da vida, realizada pelas mulheres do Distrito Federal.

FALAM AS...

(Conclusão da 1ª pag.)

avelas e as visitas; faltavam-me, entretanto, meios para ajudar os seus moradores, o que farei agora, na minha qualidade de vereadora e de presidente da Comissão de Administração, Trabalho e Assistência Social.

E despede-se, pois estava inscrita para falar.

O TORMENTO DAS FILAS

É formulada a última pergunta:

— Como encara o sofrimento do povo nas filas?

— A fila é uma consequência — diz Sagamor.

Uma esperança aquece a tarde fria, quando ela promete:

— As vereadoras desta casa, sentindo os problemas do lar e da dona de casa, não se esquecerão desse ponto e continuarão a atacá-lo, traçando diretrizes. Boas e firmes diretrizes — diz com um lindo sorriso. — Somos vereadoras e... mulheres.

Odila vergasta com sua voz macia:

— As filas representam um descaso das autoridades governamentais, que nada fazem para livrar o povo dos tubarões dos lucros extraordinários por estarem preocupados com outros problemas...

— Como encaro? — responde Ligia. — Digo que o sofrimento não é apenas físico: é, principalmente, moral. O tempo perdido nas filas é roubado ao trabalho e redonda em graves prejuízos ao labor doméstico. São filhos a amamentar, são doentes a tratar, são os múltiplos encargos de uma dona de casa — que preocupam a pobre criatura que está na fila e que, muitas vezes, após longa espera, ouve apenas: "já não há mais banha..." porque esta se derreteu nas mãos dos açambarcadores.

E, enquanto nossas mãos se tocavam para a despedida, disse, ainda, a simpática vereadora:

— Se Dante tivesse conhecido as filas, teria ampliado o seu inferno com mais um círculo...

Margarida.

PUERICULTURA

Por alguns instantes a conversa foi interrompida. Os olhos de Luisa percorreram a sala e descansaram na poltrona onde Dr. Roberto aguardava ansioso a grande notícia. O amigo telefonara cedo convidando-o para jantar. Várias vezes, Luisa abriu os lábios numa tentativa de confidência, vinha a hesitação e ela concedia a si mesma um adiantamento de minutos. Quem melhor que Dr. Roberto para ser o primeiro a conhecer o segredo seu e de Miguel? Contaria tudo com simplicidade.

— Dr. Roberto, estou esperando um filhinho. Vivo pensando em lençóis bordados de bichinhos, casacos de lã, botinhas de tricô. Sou tão feliz.

— Agora precisamos trabalhar para que a criança seja sadia, forte e feliz.

— Quanto a isso, não tenho dúvidas. Meu carinho não há de faltar, ficarei alerta quando ela dormir, seu choro será um chamado.

— D. Luisa, outras coisas são necessárias além do carinho. Criar um filho é tarefa tão velha quanto a humanidade, mas poucos sabem exercê-la. Espera uma criança. Ao lado da satisfação que o acontecimento lhe proporcionou a senhora deve ter sentido que suas responsabilidades cresceram. A criança requer cuidados especiais de ordem física, intelectual e social e a simples intuição nascida do amor materno nem sempre guia com segurança. O desempenho da maternidade exige o conhecimento de noções de higiene e de educação, requer um verdadeiro aprendizado.

— Concordo. Mas, minha mãe criou seis filhos sem ninguém ensinar.

— Quantos filhos ela teve ao todo?

— Onze, cinco morreram pequeninos.

— Nasceram onze, apenas seis tiveram a sorte de escapar. Se tivesses algumas noções indispensáveis sobre higiene e alimentação infantil todos sobreviveriam. Não é por acaso que existe uma ciência dedicada exclusivamente à criança e aos vários problemas a ela relacionados.

— Uma ciência?

— Sim, a Puericultura, "que

mos? De Democracia, de liberdade, de respeito à Constituição, de Paz! Vamos nos unir para que no Brasil haja Democracia, vamos nos unir para liquidar o fascismo, para que no mundo haja paz!



se ocupa em cultivar a vida e a saúde das crianças, esforçando-se por que cheguem ao mundo sadias e fortes e se desenvolvam normalmente, amparando-as e defendendo-as contra os múltiplos perigos que as ameaçam em consequência da ação maléfica de fatores ambientais e sociais".

— Que me ensinará esta ciência em relação ao bebê que espero?

— Ensinará, D. Luisa, que para esperá-lo não é suficiente a confecção de um enxoval cheio de rendas e fitas; sua preparação vai mais além, exige cuidados consigo mesma, com sua saúde, pede uma alimentação adequada, exercício e repouso; impõe para assegurar condições favoráveis ao desenvolvimento da criança a observância conscienciosa de bons hábitos de higiene durante a gravidez. Esclarece-a sobre as atenções indispensáveis com o recém-nascido. Tranquiliza-a a respeito de certos fenômenos que aparecem nos primeiros dias de vida de seu filhinho. Diz a todo instante: "Isto é normal, é fisiológico, não tenha receio".

— Começo a compreender. Continue, Dr. Roberto.

— A Puericultura afirma com autoridade indiscutível que o melhor alimento para seu filho nos primeiros meses de vida é o leite de peito. Ensina as precauções a serem tomadas futuramente na introdução de novos alimentos no regime da criança. Mostra à jovem mãe como proteger o bebê contra o ataque de seus inimigos, as doenças infecciosas.

— O senhor tem razão, Dr. Roberto, é preciso mais do que carinho. Meu filho tem de ser uma criança forte e sadia. Necessito de seu auxílio, meu amigo.

E a palestra foi outra vez interrompida com a chegada de Miguel. O abraço que uniu os dois homens firmou um pacto de solidariedade, era como se Dr. Roberto respondesse ao pedido de Luisa. Tudo seria feito pela felicidade da criança.

COZINHA

Mãe, receba as nossas congratulações. Sabemos que você a partir de hoje será uma boa dona de casa. Estivemos em sua festa e também tomamos parte em sua alegria. O casamento é um instante agradável para a noiva e suas amigas. É por isso que estamos aqui, pensando nas graves consequências de sua vida mais responsável. Você agora tem uma casa, pequena é verdade, uma modesta casa que conseguiu arrumar com tanta dificuldade. Mas que prazer, nestes dias amargos que atravessamos, encontrar uma casa para constituir um lar novo. Fique certa de que você é uma privilegiada e privilegiada porque conseguiu poder esperar. Gosto de sua casa. Um quarto saudável com janelas para um pequeno jardim. Uma sala regular e nova com uma varanda ao lado. Um banheiro modesto, uma cozinha simpática e um pequeno vão para os arranjos. Por seu intermédio iremos permanecer ao lado das donas de casa. Tomaremos conta da cozinha. Creio que você está com a sua bem arranjada. Algumas panelas novas, formas de doce, garfos e colheres de várias formas e para vários fins — o garfo para fugar o bife, outro especial para tirar os fritados da banha quente, a concha para mexer o caldo na panela, a espumadeira para limpar a sopa, etc. O seu fogão econômico a carvão vai lhe dar algum trabalho. Não conte muito com o seu forno. Felizmente a questão dos batos se resolve com a forma de álcool que você poderá encontrar em qualquer loja de ferragens. O essencial é que tudo está novo, não?

Maria, começaremos a escrever o seu álbum de receitas e de conselhos culinários. Tome nota, tendo semanalmente o seu jornal.

HELENA

A LUTA COTIDIANA DAS MULHERES

Heroínas obscuras, combatentes corajosas na luta cotidiana pelo pão, pela casa, pela felicidade doméstica, as mulheres do Brasil querem, como todas as mulheres do mundo, o direito humano à alegria.

Dona de casa, heroína humilde das mesquinhas tarefas sem brilho, realizadora de silenciosos milagres diários! É ela que cuida do conforto, da segu-



rança, da felicidade do lar. É a que prepara, com as próprias mãos, o futuro dos filhos. A que, em silêncio, paciente e corajosa, se sacrifica para fazer chegar o dinheiro do mês. A que conhece a tortura das filas, a falta d'água, as indignas exigências do câmbio negro, a exploração inescrupulosa, as dificuldades para conseguir o pão, o leite, a carne, os gêneros indispensáveis ao consumo da casa. A que sabe o preço escorchantes da comida, do teto, da condução, da luz, do calçado, da roupa, da instrução dos filhos. A que trabalha



o dia inteiro e não tem horário para repouso, nem folga, nem férias. A que dorme mal a noite, preocupada com seus duros problemas. A que tem um número muito maior de deveres do que de direitos.

A dona de casa já vai adquirindo a consciência de que deve formar, com todas as outras mulheres, uma frente única de combate à crise, à falta de ha-



bitações e transportes, ao câmbio negro, às filas, à sonegação dos gêneros de primeira necessidade; uma frente única para a conquista de um mundo melhor para sua família, de um futuro mais digno para as suas crianças.

Nas fábricas, nas oficinas, nas usinas, ao lado do homem, seu companheiro de lutas, a operária movimentada as forças da produção. Trabalha oito e mais horas por dia, quase que num total desconforto, preparando a riqueza da Nação. Viaja, de madrugada, nos trens de subúrbio superlotados, nos

tilógrafa, taquígrafa, secretária, empregadinha de escritório e de balcão, costureira, manicura, empregada doméstica, exercendo profissão liberal, funções públicas ou particulares, a mulher faz ginásticas mentais para equilibrar o seu orçamento, pois que, enquanto o custo da vida sobe assustadoramente, seus vencimentos são os mesmos de alguns anos atrás. . . As dificuldades de transporte são para elas uma angústia diária. Viajam em pé nos bondes transbordantes e nos ônibus sem horário; comem em pensões baratas; moram em



bondes morosos e cheios. Alimenta-se mal e apressadamente e nem sempre pode trabalhar tranquila, com o pensamento nos filhos sem creches, sem escolas, sem hospitais. De volta à casa ainda tem que cuidar dos arranjos domésticos e preparar a comida para a família. A operária começa também a compreender que, unida às outras mulheres, poderá reivindicar os seus direitos elementares: amparo de leis trabalhistas mais humanas, repouso semanal remunerado, higiene e conforto no local do trabalho, salário condigno, proteção à família, diminuição do custo da vida, possibilidades de tratamento, instrução e diversões.

Professora, enfermeira, médica, advogada, engenheira, escriturária, da-

bairros longínquos onde os problemas são múltiplos e mal encaminhados. Lutam heroicamente para vestir e calçar.

Também elas começam a sentir que devem unir-se às outras mulheres para conseguir estabilidade no emprego, férias de um mês, acesso rápido e garantido na carreira, melhores condições de vida, barateamento dos artigos indispensáveis, o direito de serem respeitadas, clima de segurança e democracia em que possam viver, construir seus lares e criar seus filhos.

Nos campos e nas fazendas, a mulher vive ainda em condições primárias, no duro trabalho de sol a sol, no desconhecimento do uso do calçado, morando em choupanas miseráveis,

mantida numa total ignorância, muitas vezes sem saber sequer o que se passa na cidade mais próxima. Seus filhos nascem sem a menor assistência, crescem sem escolas, comendo raízes e rapadura e morrem de verminose, malária e outras doenças.

Começa também ela, que é a maior vítima e a mais sacrificada, a compreender que unida às outras mu-



lheres precisa lutar para que as terras em que vive lhe pertençam, lutar por assistência médica e hospitalar, escolas para os filhos, casa para morar e instrumentos modernos para o cultivo do campo.

A todas essas mulheres, MOMENTO FEMININO abre suas páginas, pedindo-lhes a colaboração, as sugestões constantes, no sentido de se tornar cada vez mais capaz de lhes atender às aspirações, de se transformar no guia,



no companheiro, no amigo da mulher brasileira.

E a todas assegura que, por mais diferentes que possam parecer suas ocupações e sua situação na vida, estão todas ligadas por profundos interesses comuns, que consistem na defesa de seu país, de seu lar, de seus filhos, que estão todas ligadas por sua situação de MULHER.



George Sand

**A PEQUENA
FADETTE**

TRADUÇÃO DE LIA CORRÊA DUTRA



EDIÇÃO DO MOVIMENTO FEMININO

TUIRA UM LIVRO CUJA CAPA OFERECEREMOS AS LEITORAS

▲ PEQUENA FADETTE — George Sand



O Pai Barbeau de La Cosse não ia mal nos negócios, tanto assim que era membro do Conselho Municipal de sua comarca. Possuía dois campos que lhe davam o sustento da família, e lucro ainda por cima. Colhia em seus prados largas carradas de feno, que, — exceto o que crescia à margem do riacho, e era um pouco prejudicado pelo junco — constituía forragem de primeira qualidade, afamada no lugar.

A casa do Pai Barbeau era bem construída, coberta de telhas, erguida aos bons ares da costa, com um jardim fértil e uma vinha de seis jornadas. Havia, enfim, atrás da granja, um belo pomar onde abundavam os frutos, tanto as ameixas quanto as cerejas, tanto as peras quanto as amoras. Da mesma forma, as nogueiras das orlas de seus terrenos eram as mais velhas e as mais grossas de duas léguas em redor.

O Pai Barbeau era um homem trabalhador, sem maldade, e muito dedicado à família; nunca se mostrava injusto para com seus vizinhos e paroquianos.

Já tinha três filhos, quando a mulher, vendo, sem dúvida, que suas posses davam para cinco, e que era preciso andar depressa, porque a idade vinha chegando, resolveu dar-lhe dois de uma só vez, dois bonitos meninos; e, como eram tão parecidos que não se podia quase distinguir um do outro, reconhecia-se logo que eram dois "bessons", (1) isto é, dois gêmeos de semelhança perfeita.

A mãe Sagalte, que os recebeu no avental quando chegaram ao mundo, não se esqueceu de fazer uma cruzinha, com a agulha, no braço do que nasceu primeiro, porque — dizia ela — um pedaço de fita ou um colar podem ser trocados e fazer com que se perca o direito de primogenitura. Quando a criança ficar maiorzinha — dizia — será preciso fazer qualquer marca que nunca se apague; e foi o que fizeram. O que nasceu primeiro recebeu o nome de Sylvai, que se transformou em breve em Sylvinet, para distingui-lo do irmão mais velho, que lhe serviu de padrinho; o que nasceu depois foi chamado Landry e conservou o nome tal como o recebeu do batismo, porque o tio, que foi seu padrinho, guardara da infância o hábito de ser chamado Landriche.

Ao voltar do mercado, o pai Barbeau ficou um pouco surpreendido quando viu as duas cabecinhas no berço:

— Anh anh! Este berço está estreito demais: amanhã, tratarei de alargá-lo — disse ele. Era jeitoso das mãos, e, sem ter aprendido, sabia um pouco de marcenaria: tinha feito, sózinho, metade do mobiliário. Não manifestou maior espanto, e foi tratar da mulher, que bebeu um grande copo de vinho — com o que se deu muito bem.

— Fizeste um trabalho tão bom, minha mulher — disse ele — que isso vai me dar coragem. Aí estão mais duas crianças para sustentar, e das quais não tínhamos a menor necessidade, o que quer dizer que não devo descansar de cultivar nossas terras e criar nosso gado. Fica tranqui-

la; trabalharemos. Mas não te lembres de me dar três filhos, da próxima vez(porque isso, também seria, demais!"

A mulher começou a chorar, o que deixou o Pai Barbeau muito aflito.

— "Que é isso, que é isso, minha boa mulher? — disse elle — Não deves ficar triste. Não foi para ralhar contigo que falei assim, mas, ao contrário, para te agradecer. Esses dois garotos são bonitos e bem constituídos; não têm defeitos no corpo, e estou muito contente com eles

— "Ai, meu Deus! — gemeu a mulher — Bem sei que não está ralhando comigo, meu marido; mas estou preocupada, porque me disseram que não há nada mais difficil, nada que dependa mais da sorte, do que a criação de gêmeos. Um prejudica o outro, e, quase sempre, é preciso que um dos dois morra para que o outro se crie.

— "Ah? Então é assim? — perguntou o pai — E' verdade, mesmo? Quanto a mim, são os primeiros gêmeos que vejo. O caso não é comum. Mais aí está a mãe Sagette, que conhece bem essas coisas, e vai nos dizer o que há.

Tendo sido interpelada, a mãe Sagette respondeu:

— "Tenham confiança em mim: esses dois gêmeos vão viver e se criar, e não hão de ter mais doenças do que as outras crianças. Há cinquenta anos que exerço o officio de parteira, e que vejo nascer, viver ou morrer tôdas as crianças da região. Assim, não é a primeira vez que ajudo a trazer gêmeos para o mundo. A presença entre os gêmeos nada tem a ver com sua saúde. Existem gêmeos que não são mais parecidos uns com os outros, do que eu com vocês, e acontece muitas vezes que um seja forte e o outro fraco; o que faz com que um viva e o outro morra. Mas olhem só estes! Cada um d'elles é tão bem acabado, e tão robusto como se fôsse filho único. Portanto, um não prejudicou o outro nas entranhas da mãe; vieram ambos à luz sem que a tivessem feito sofrer muito e sem que elles próprios tenham sofrido. São bonitos que dão gosto e só querem viver. Console-se, pois, Mãe Barbeau, vai ter a alegria de vê-los crescer; e se elles continuarem assim, só você e aqueles que os virem todos os dias é poderão diferenciá-los, porque nunca vi dois gêmeos tão parecidos! São como dois perdigotos saídos do ovo: tão bonitinhos e tão iguais, que só mesmo a mãe-perdiz é capaz de reconhecê-los.

— "Ainda bem! — exclamou o Pai Barbeau coçando a cabeça — Mas ouvi dizer que os gêmeos costumam se afeiçoar tanto um pelo outro, que quando se separam, não podem viver mais, e que um d'elles, ao menos, se deixa consumir pelo desgosto, até o ponto de morrer".

— "E' a verdade verdadeira — disse a Mãe Sagette — Mas prestem atenção às palavras de uma mulher de experiência. E nunca se esqueçam delas, porque, quando chegar o tempo em que seus filhos na idade de deixar vocês, eu já não estarei neste mundo para lhes dar conselhos. Assim que seus gêmeos começarem a ter entendimento das coisas, tomem o cui-

dado de não os deixar sempre juntos. Levem um para o trabalho, enquanto o outro ficar em casa; quando um fôr pescar, mandem o outro para a caça; quando um tomar conta dos carneiros, mandem o outro vigiar os bois no pasto; quando derem vinho para um, dêem ao outro um copo d'água, e vice-versa. Não ralhe com ambos ou não os castiguem ao mesmo tempo. Não os vistam iguais; quando um sair de chapéu, que o outro saia de gorro, e, sobretudo, que suas blusas não sejam do mesmo tom de azul. Em suma, por todos os meios que puderem descobrir, não deixem que eles se confundam, e acostumem os dois pequenos a passar um sem o outro. Tenho muito medo que as coisas que eu estou dizendo lhes entrem por um ouvido e saiam pelo outro; mas, se vocês não fizerem o que eu digo, algum dia se arrependerão.

A Mãe Sagette falava muito bem e foi acreditada. Prometeram-lhe fazer o que ela dizia, e deram-lhe um bonito presente antes de despedi-la. Depois como tinha recomendado que os gêmeos não fossem amamentados com o mesmo leite, trataram depressa de arranjar uma ama.

Mas não se encontrou nenhuma no lugar. A Mãe Barbeau, que não contava com dois filhos de uma vez, e que tinha amamentado ela mesma todos os outros, não tinha tomado precaução prévia. Foi preciso que o Pai Barbeau partisse à procura dessa ama pelos arredores, e, durante esse tempo, como a mãe não podia deixar os pequenos com fome, deu o seio tanto a um como ao outro.

A gente da nossa terra não se decide depressa, e, por mais rica que seja, faz questão de regatear. Sabiam que os Barbeau tinham com que pagar, e pensavam que a mãe, que já não era muito nova, não poderia dar conta dos gêmeos sem se esgotar. Todas as amas de leite que o pai Barbeau conseguiu encontrar pediram-lhe, pois, dezoito libras por mês, nem mais nem meros do que pediriam a um burguês.

O pai Barbeau não queria dar mais do que doze ou quinze libras, achando que já era muito para um camponês. Correu por todos os lados e discutiu muito, sem chegar a conclusão alguma. O negócio não era de grande pressa, porque duas crianças tão novinhas não podiam enfraquecer a mãe; e estavam ambos tão saudáveis, tão quietos, eram tão mansinhos, que não traziam mais complicações do que um só dentro de casa. Quando um dormia, o outro dormia também. O pai tinha consertado o berço, e, quando choravam os dois ao mesmo tempo, era possível embalar e acalantar a ambos com o mesmo embalo.

Finalmente, o pai Barbeau fez um acôrdo com uma ama pelo preço de quinze libras, e a combinação dependia apenas de um abatimento de pouca monta, quando a mulher lhe disse:

— "Ora, meu marido, não vejo por que havemos de gastar cento e cinquenta ou duzentas libras por ano, como se fôssemos gente da alta, e como

se eu já não tivesse idade para amamentar meus filhos. Tenho leite de sobra para isso. Nossos garotos já estão com um mês, e veja só se não estão em boas condições! A Merlaude, a quem você quer entregar um deles para que o amamente, não se compara comigo em força e em saúde; o leite dela já tem dezoito meses, e não é o que convém a uma criança tão nova. A Sagette nos disse para não amamentar nossos gêmeos com o mesmo leite, para impedir que eles se afeioem exageradamente um pelo outro; e acho que ela tem razão; mas não disse ela também que é preciso cuidar muito bem dos dois, porque, afinal de contas, sendo gêmeos, não têm a vida tão forte quanto as outras crianças? Prefiro que os nossos se queiram demais, do que sacrificar um pelo outro. E depois, qual deles é que vamos entregar à ama? Confesso que tenho tanto desgosto de me separar de um como de outro. Posso dizer que gosto muito de todos os meus filhos, mas, não sei como foi que isso aconteceu, acho que estes são ainda os mais engraçadinhos e os mais bonitinhos de todos os que já carreguei em meus braços. Não sei o que sinto por eles, que sempre me faz ter medo de perdê-los.

Por favor, meu marido, eu lhe peço! Nem pense mais nessa ama de leite. Havemos de fazer tudo o mais que a Cagatte nos recomendou. Como quer você que duas criancinhas de peito se tomem de muita amizade uma pela outra, quando, na época de serem desmamadas, mal serão capazes de distinguir entre os pés e as mãos?"

— O que você está dizendo não é errado, minha mulher — disse o pai Barbeau, olhando para a mulher, que era ainda bonita e forte como poucas. Se, porém, à medida que eles forem crescendo, tua saúde vier a sofrer?"

— "Não tenha medo — disse a Barbeaude — sinto um apetite de moça de quinze anos. Aliás, se eu perceber que não dou conta e me sentir enfraquecida, prometo-lhe não esconder meu estado, e será tempo, então, de mandar um destes pobrezinhos para longe de nossa casa".

O pai Barbeau cedeu, tanto mais que preferia não fazer despesas inúteis. A mãe Barbeau amamentou os gêmeos sem se queixar e sem sofrer. Era, aliás, tão bem constituída, que, dois anos depois de ter desmamado os pequenos, botou no mundo uma linda menina, que recebeu o nome de Nanette, e que ela própria amamentou. Mas isso já era demais, e não teria dado conta da tarefa, se a filha mais velha, que estava no primeiro filho, não a aliviasses de vez em quando, dando o seio à irmazinha.

Dessa maneira, toda a família aumentou e em breve os tios e as tias pequeninos bricavam ao sol com seus sobrinhos também novinhos, e nenhum podia ser apontado por mais turbulento ou mais ajuizado dos que os outros.

ATIVIDADES femininas

GRANDE MESA REDONDA EM RIACHUELO

Promovida pela União Feminina do Riachuelo, realizou-se terça-feira, dia 29 do corrente, uma interessante Mesa Redonda, com o objetivo de debater problemas ligados ao custo da vida.

A assembléia em apreço foi presidida pela senhora Elza Azevedo Wanick de Souza. Compareceram representantes de autoridades, da Prefeitura e os vereadores Tito Livio, Odila Schmidt, Paes Leme e Arlindo Pinho. Mulheres e jovens enchiam o salão, acompanhando com interesse a palavra dos oradores.

Falou, em primeiro lugar, o dr. Américo Wanick, técnico do C.F.C.F., fazendo ampla explanação sobre a situação econômica nacional e documentando sua palestra com dados estatísticos oficiais. Por fim, dirigiu-se às donas de casa presentes, às mulheres que lutam, organizadamente, contra a carestia, afirmando que, apesar da força que representam os tubarões do câmbio negro, elas não devem esmorecer, devem prosseguir na sua luta pacífica e apresentar sugestões às autoridades administrativas.

Em seguida, falaram os vereadores Paes Leme, Odila Schmidt e Arlindo Pinho, solidarizando-se com a iniciativa da União Feminina do Riachuelo. A vereadora Odila Schmidt, longamente aplaudida pela assembléia, declara que se sente orgulhosa e entusiasmada diante da mobilização feminina contra a carestia.

A assembléia foi encerrada com um relato, feito por um membro da diretoria da União Feminina do Riachuelo, de todas as atividades da sua associação. Tem ela distribuído banha, arroz e tecidos às suas associadas e enviou, há meses, um memorial ao Presidente da República relativamente ao preço do açúcar.

A Mesa Redonda da União Feminina do Riachuelo, que se realizou à rua 24 de Maio, 490, representa mais um esforço das mulheres organizadas e unidas em prol do barateamento da vida.

Não foi sem motivo que rol das associadas da União Feminina do Riachuelo cresceu na noite de sua assembléia.

HEROINAS BRASILEIRAS

Qual teria sido seu nome antes do batismo cristão? Onde nasceu essa índia tão corajosa? No Ceará, dizem uns, no Rio Grande do Norte, afirmam outros. Mas sua vida só começa realmente a ser contada, depois do batismo e do casamento com outro índio, Poy, catolicamente chamado Antônio Felipe Camarão.

Sabe-se que Camarão tomou parte ativa e vibrante na guerra contra os holandeses e que sua mulher sempre o acompanhava em lutas nas campanhas, com ele empunhando-se nas lutas, ajudando-o a conquistar vitórias. Mas o governo de seus pais, o de 18 de fevereiro de 1817.

Quando do Natal, no antigo governador, general do Brasil holandês, chegou a Recife, Pernambuco, em 27 de janeiro desse ano de 1654 e logo se apresentou em atacar os restos do exército português que havia sido derrotado em Parícuti. No dia 18 de fevereiro foi travada a dura batalha de Comandante, nome de uma vila, no que se chama no Rio das Pedras, abraço da Serra Calvo, em Alagoas. Os portugueses, inferiores em número e sem comando, foram derrotados. Mas resistiram demoradamente na defesa. Henrique Dias, comandante dos seus restos de guerra, praticou proezas

mauditas e, tendo a mão esquerda decepada por uma bala, continuou mesmo assim a pelejar.

Camarão e seu exército de índios começaram a fugir quando, de súbito, surge uma mulher de espada em punho à frente de um grupo de mulheres e reanima com seu exemplo e sua bravura, aqueles homens já vencidos pelo desânimo.

A batalha prossegue até à noite e, vencidos os portugueses, Clara Camarão e suas companheiras auxiliaram a evacuação de famílias que fugiram à dominação estrangeira.

Diz o Barão do Rio Branco nas "Eminentes Brasileiras", citando o "Castelão Lusitano": "Nesse combate e durante a retirada de fugitivos muito a brasileira D. Clara Camarão, mulher do celebre Comandante dos índios, a cujo lado pelejou valentia em um cavalo e foi a primeira a cair nessa ocasião, que deixou esculpida a memória das Zumbis e Sembrantes."

Clara Camarão é um exemplo para nós, muitas mulheres brasileiras empunhadas em não deixar que abusos estrangeiros dominem nossa pátria, empunhadas em defender nossa independência e nos a liberdade.

Faça de MOMENTO FEMININO a sua leitura semanal

E' BOM SABER

CONSERVAÇÃO DO LEITE PELO CALOR VERMELHO — O leite, ao ser aquecido, é um dos melhores meios para conservar-se por mais tempo, quando este é feito em vidro.

LEITE COAGULADO — O leite coagulado não perde as suas propriedades nutritivas.

DURABILIDADE DO LEITE — A irradiação do leite, por meio de raios ultra violetas, aumenta-lhe a durabilidade por mais 24 horas, tempo pelo qual evita no inverno a formação de ácidos orgânicos.

CALÉ COM LEITE — O calé com leite é muito mais saudável do que o calé puro, porque a adição do leite se combina com o ácido láctico do calé, tornando-se mais digestivo e mais nutritivo. E a floculação livre, visto como não se combina com a albumina.

CONSERVAÇÃO DOS OVOS — Os ovos poderão ser conservados frescos durante um tempo quatro vezes maior, se forem mergulhados por alguns segundos em água doce aquecida moderadamente.

LEITE CRU — O uso de leite cru faz dentes alvos e fortes, bem como uma gengiva sadia e bem aderente. Na-

lunamente a prevenção deve ser feita, do contrário é prejudicial a saúde.

TAPETES NOVOS — Deve-se ter muito cuidado com o uso dos tapetes novos, porque para a colocação e endurecimento deles são frequentemente usadas substâncias tóxicas, que podem produzir estafis e outros, cuja causa, quase sempre, fica ignorada. É preciso portanto, para evitar tais inconvenientes, expor-se todo o tapete novo, antes de usá-lo, à ação do ar e do sol durante 8 dias, pelo menos.

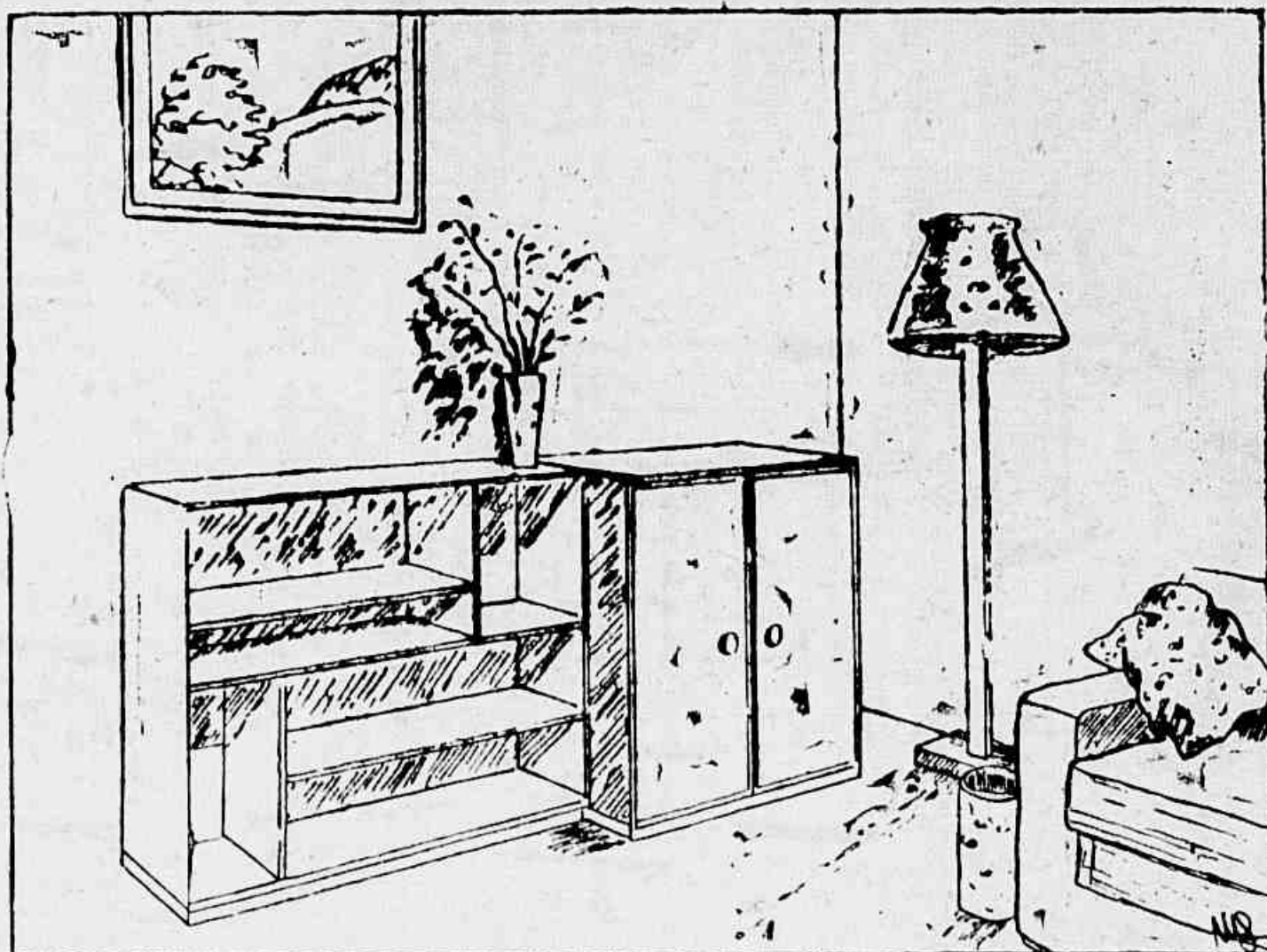
MÃOS ENRUGADAS — Para curar as mãos enrugadas, basta friccioná-las energicamente, duas vezes ao dia, com óleo de fígado de bacalhau.

VITAMINA "C" — A vitamina "C" é mais abundante nos morangos, laranjeiras e limões do que em outros quaisquer frutos. Não possuem esta vitamina as frutas secas ou em conserva, assim como a banana, a maçã, e o pérgo. O escorbuto é uma avitaminose que se apresenta sob várias modalidades.

CABELOS BRANCOS — O uso abundante da vitamina "A" evita e combate a canice precoce.

ARRANJOS DO LAR

MARIA LUIZA



Há dias, num bonde, ouvi por acaso uma conversa entre duas

cava com um ar permanente de desordem.

Daremos hoje uma sugestão para resolver este problema ou outro, semelhante.

Faça um pequeno armário de 70 cms. de largura por 100 cms. de altura e 33 cms. de profundidade; com uma prateleira a 70 cms. do chão onde se coloca a máquina (de mão ou elétrica).

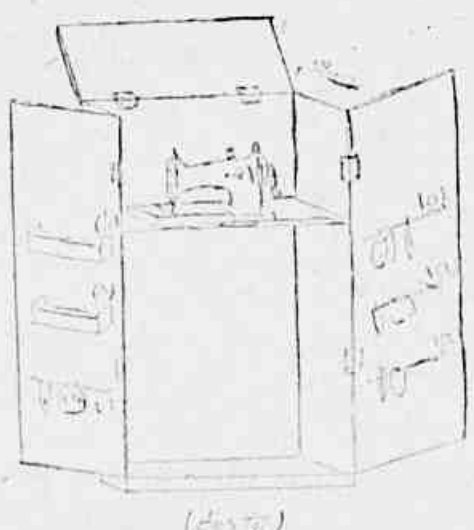
O tampo do armário é móvel, e o armário abre-se com duas portas.

Pelo lado de dentro dessas portas pregam-se sarrafos de madeira (a) onde se penduram pequenos sacos para guardar linhas, tesouras, etc. ou então pequenas prateleiras de madeira (b) com o mesmo fim.

Coloca-se o armário ao lado de uma estante para fazer um "conjunto".

Arranja-se para os fiapos e retalhos, uma cestinha forrada com fazenda estampada ou madeira lisa com flores de decalcomania.

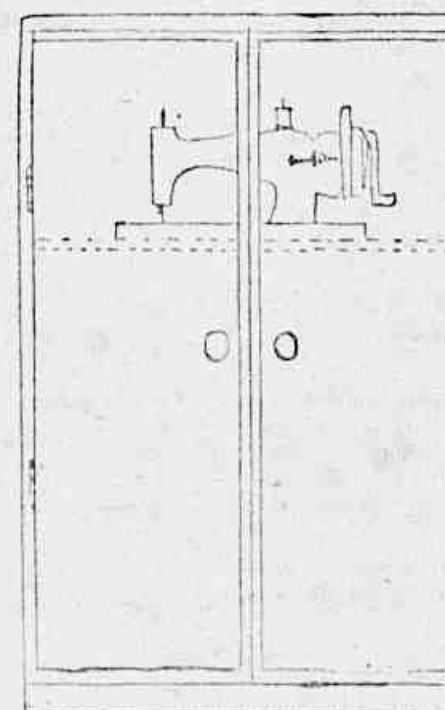
O "abat-jour" pode ser de fazenda estampada como a almofada e a cesta, ou de pergamimho creme com flores aplicadas.



(desta)

maças; uma delas queixava-se de não possuir um "canto" acolhedor no seu apartamento, composto unicamente de uma saleta de 2m x 2m e de um quarto minúsculo onde só cabiam a cama e o quarto roupa.

Sendo colorista, colocava a máquina de costura na saleta (única luz de bonê), que fi-



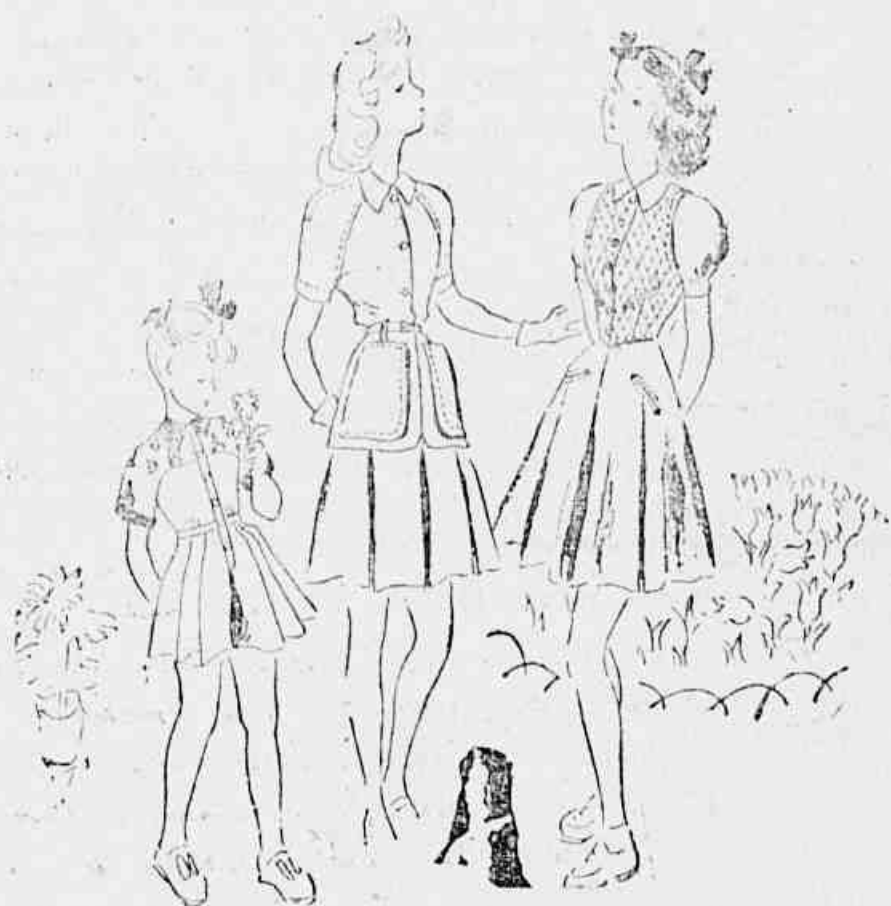
Teremos assim, com pouca despesa, um "cantinho" agradável para o seu conforto.

HOTEL GRANJA ITATIAIA

(RECÉM-INAUGURADO)

780 metros de alt. — Clima ótimo para repouso e week-end. Paisagem agradável, esplanada às Águilas Negras. Informações: Rua Washington Luiz, 33 - 2.º Fone: 28-4293

MODA INFANTIL



Vestir as crianças é sempre um problema para as suas mães. É recomendável usar modelos que revelem uma certa simplicidade e que não modifiquem nada da magnífica vivacidade infantil. Os modelos são próprios para as idades que se destinam. Está passando a tendência até bem pouco muito acentuada de modificar a idade da criança. Vimos constantemente, e ainda vemos, meninas de 3, 4 ou 5 anos, com vestidos alongados, fazendo lembrar o princípio do século. Em Paris esse envelhecimento está sendo combatido com energia e a prova está nos figurinos que apresentamos às nossas leitoras recebidos diretamente e especialmente, pelo Serviço Francês de Informação.

Elas também ganharam a guerra!



O papel desempenhado pela mulher brasileira nesse vigoroso capítulo da nossa história, que foi o esforço de guerra do Brasil, terá que ser interpretado não como uma ajuda ilicita, mas como uma contribuição obscura, mas como um dos fatores decisivos que nos levaram à vitória e à paz. A mobilização das nossas mulheres, logo que foi declarada guerra às potências agressoras, revelou a força das grandes coisas novas, foi exuberante e alta como um toque de clarim. Vindas de todas as classes sociais, elas afluíram à Legião Brasileira de Assistência, à Cruz Vermelha Brasileira, à Liga de Defesa Nacional. Queriam ajudar, queriam partir. As crianças mortas dos navios torpedeados, devoradas pelas ondas barbas na noite negra, tarjavam de luto todos os lares. Agora, sentiamos na própria carne a ignomínia do nazismo, sentindo, igualmente, que aquilo era, apenas, uma pequena mostra. Começavam a compreender toda a treva que caía sobre os países ocupados, toda a ameaça que pesava sobre as nossas cabeças. A compreender, também, o sentido tremendo dessa guerra forjada e imposta aos povos pelo nazi-fascismo e o papel de simples fornecedora de carne para canhão a que ficara reduzida a mulher nos países totalitários. Por tudo isso, a mulher brasileira uniu seus esforços aos de todas as forças vivas da nação em guerra, aos de todas as suas irmãs no mundo inteiro. Era preciso resistir, lutar por um mundo melhor, vencer.

AS LEGIONARIAS

Poucos dias depois de nossa declaração de guerra à Alemanha e à Itália, era aqui fundada pela

senhora Darcy Vargas a Legião Brasileira de Assistência.

Essa grande organização convocava as mulheres imediatamente e inicia, desde logo, cursos rápidos e eficientes de Defesa Passiva. Em breve, os uniformes das abnegadas legionárias enchem as ruas da cidade e são vistos chegando aos subúrbios, subindo os morros. Postos, 96 postos comuns e 4 regionais, além da Comissão Central, denunciam o labor das legionárias aqui no Rio. E não tardou a se derramar a Legião pelas capitais dos Estados e pelas sedes dos Municípios.

Os departamentos e serviços são logo estruturados, firmando o objetivo imediato de prestar assistência aos convocados e às suas famílias. Destaca-se dentre todos, talvez, o Conselho Deliberativo de Assistência à Família, que abraça vários setores de atividade e é ligado às forças de terra, mar e ar.

A Cantina do Combatente é um dos maiores empreendimentos da Legião Brasileira de Assistência, uma de suas maiores dadas aos expedicionários. Lá está o bem organizado "Correio", lá estão a biblioteca, os cigarros, as revistas, os chocolates, os refrigerantes. Há "shows", jovens artistas cantam e dançam para eles. E ali, na "Cantina", nossos soldados caboclos passam claros momentos, preparando-se para os rijos combates contra os "tedescos".

As mensagens dos parentes e a própria voz destes através da Rádio Nacional, chegam ao "front", representando mais uma bocante iniciativa das legionárias.

Não é possível citar todo o rol de atividades desenvolvidas pela Legião Brasileira de Assistência; mas não é possível encerrar este breve registro sem mencionar a instituição das "Madrinhas de

Guerra", que proporcionam tanta alegria e tanto estímulo aos nossos bravos combatentes.

AS SAMARITANAS

Cerca de 120 postos possui na capital do país a Cruz Vermelha Brasileira.

Lembro-me da visita que fiz, na qualidade de repórter, a um deles, o Posto n.º 11, no dia em que foi inaugurado o curso das Samaritanas - socorristas. A sala estava repleta de jovens solícitas, matriculadas, pedindo informações ou aguardando a aula. Havia, contudo, um ângulo do salão que era completo o silêncio. Passar disso, falavam todos aqueles trancos, aqueles objetos brancos: o lençol, os ferros, os vidros, as ataduras. Era ali que se fazia a prática de enfermagem. Era ali que centenas de mãos dedicadas e compassivas aprendiam a aliviar a dor dos feridos, as aflições da humanidade.

Chega o mestre ilustre para a lição inaugural. Os cadentes estão abertos sobre os joelhos das discípulas atentas. Ah, a boa parábola não pode ser esquecida. O bom samaritano é evocado, o luto estrangeiro, que não segue o exemplo do sacerdote e do levita, mas vê o irmão no semelhante estranho no caminho; derrama-lhe bálsamo na ferida dolorosa, conforta-o com vinho, socorro. E é evocada, em seguida, a Irme Médica e surgem os vultos dos irmãos Hospitalares de São João e Jerônimo, cuidando das feridas na época das Cruzadas. Agora os tempos modernos. E continhamos o perfil eterno de Florentino Nightingale, aquela que, na guerra da Crimeia, velava, à noite, sob um anjo de misericórdia, lavando entre os leitos dos soldados feridos.

Mas não é possível esquecer os tempos modernos. E continhamos o perfil eterno de Florentino Nightingale, aquela que, na guerra da Crimeia, velava, à noite, sob um anjo de misericórdia, lavando entre os leitos dos soldados feridos. Mas não é possível esquecer os tempos modernos. E continhamos o perfil eterno de Florentino Nightingale, aquela que, na guerra da Crimeia, velava, à noite, sob um anjo de misericórdia, lavando entre os leitos dos soldados feridos.

As futuras samaritanas tomam notas. Há sofrimento nos seus rostos, unia de aprender, servir, trabalhar. Durante dois meses estudarão no seu curso de enfermagem, recebendo preparo teórico e prático, com a assistência, também, de um técnico militar, encarregado da questão relativa à defesa passiva anti-aérea e outros teríveis efeitos da guerra que a vida nacional, duas conferências para lembrar aqui: as proferidas pela senhora Eunice Weaver e pela pianista Magdalena Tagliaferro, ambas na Associação Brasileira de Imprensa.

A senhora Eunice Weaver, que tem participado de conclaves internacionais em vários pontos do universo, falou do esforço de guerra dispendido pelas mulheres das Nações Unidas. Citou os maiores vultos femininos de então. Lembrou a senhora Eleanor Roosevelt, o seu dinamismo, a força de sua coragem, a sua simplicidade e o exemplo que representa para todas as que lutam pela sobrevivência da democracia e do direito das gentes. A conferencista apelou, então, para as nossas mulheres, ensina, encanta, convence.

NA LIGA DE DEFESA NACIONAL

O velho casarão da Lapa, um todo o austero aspecto, de sangue novo. Estávamos de ra e algo como uma ressonância opera no Silogeu, sede de Defesa Nacional, a vel que Bilac fundou. Departamentos são criados, chegam de todos os Liga se torna uma casa

dirigindo o trabalho de massas ligado ao esforço de guerra. Começa a mobilização psicológica do povo brasileiro e é lançada a palavra de ordem de união nacional em torno da política de guerra do nosso governo.

Feira de Arte Moderna. Tarde da Poesia Anti-fascista, Exposição Anti-fascista, campanhas e comícios e, em todas essas realizações memoráveis, as mulheres colaboraram com entusiasmo. Ao lado dos homens, elas pedem em praça pública o envio à Europa da Força Expedicionária Brasileira e, depois, humanas e patriotas, tudo fazem pela assistência aos gloriosos pracinhas.

Mas é o seu departamento específico, o Departamento Feminino, que vai planificar e coordenar as atividades das mulheres que pertencem à Liga de Defesa Nacional. As campanhas do cigarro e da lá, da costura e do disco são lançadas com êxito e repercussão. Urnas para os pracinhas são inauguradas nos estabelecimentos públicos e particulares. Há comemorações e interesse. Vira Sales, a "loquaz" de "Vem da Alegria", ajuda a campanha da lá com a sua graça de artista. Operários das fábricas destinam os "quebrados" dos seus salários ao acasalho dos pracinhas. E até estes, através dos discos, chega, como um galardo, a voz querida das mães, das namoradas, das madrinhas.

Mas o Departamento Feminino não descansa. Na lancha, "Mocinha", realiza belos cruzeiros pela baía. De cada vez, é a uma companhia que cabe a tarefa de dançar no barco aguil, cheio de moças. "Shows" aí se realizam. O canto das gargantas frescas chega até os corações. Vão partir, vão lutar pela liberdade e pela alegria de viver, e aquele domingo, decididamente, lhes redobrou a coragem e a decisão.

Quando, mais tarde, o Hospital Central do Exército se enche de mutilados e feridos de guerra, para lá ramam, seguidamente, os membros do Departamento Feminino da Liga. Se perguntam, nessas vistas, o de que precisam os heróis feridos, e para lá visita seguinte, levar os objetos desejados. E levam-lhes, também, o conforto moral, servindo de elementos de ligação entre os pracinhas e suas famílias, escrevendo e encaminhando centenas de cartas por semana.

A contribuição do verbo da mulher, sentido e vibrante, para o esforço de guerra — como poderá ser esquecido? A porta das fabricas, nos grandes comícios, dentro das organizações patrióticas, nas escolas e nos palácios, soa a voz da mulher brasileira. Conferências foram realizadas. E, como uma homenagem, a todas as que pregaram, a todas as que falaram nessa grande hora histórica da vida nacional, duas conferências para lembrar aqui: as proferidas pela senhora Eunice Weaver e pela pianista Magdalena Tagliaferro, ambas na Associação Brasileira de Imprensa.

A senhora Eunice Weaver, que tem participado de conclaves internacionais em vários pontos do universo, falou do esforço de guerra dispendido pelas mulheres das Nações Unidas. Citou os maiores vultos femininos de então. Lembrou a senhora Eleanor Roosevelt, o seu dinamismo, a força de sua coragem, a sua simplicidade e o exemplo que representa para todas as que lutam pela sobrevivência da democracia e do direito das gentes. A conferencista apelou, então, para as nossas mulheres, ensina, encanta, convence.



ex-combatentes realizaram há pouco. Cartazes gritando que há expedicionários tuberculosos, cegos, alijados, neuróticos; que há pracinhas pedindo esmola e dormindo no relento. Será possível, oh Pátria? Estes que não têm trabalho, que estão largados por aí ao abandono, famintos e doentes — serão aqueles que há dois anos tiveram uma chegada triunfal, que foram recebidos com flores e palmas, bandeiras e hinos? Os meses que arriscaram a vida, que receberam os golpes e as blasfêmias, para que todos nós pudessemos viver?

Converso com essas mulheres simples, quase todas parentes de heróis enterrados no solo italiano ou de heróis do mar. Esta aqui é a viúva moça de um tripulante do Anibal Benévolo, desaparecido para sempre na noite trágica. Ficaram quatro filhos, menos de 200 cruzeiros por mês, e sempre muita dificuldade, às vezes porque não pode apresentar o atestado de óbito... Aquela outra, idosa e escura, perdeu seu filho um mês antes da vitória, metralhado pelas costas por um alemão ferido. Ele lhe escrevera uma carta carinhosa, avisando que ia mandar dinheiro, a entrar em Montese.

Converso. Seus olhos estão cheios de lágrimas. Mas limpam, de repente, os olhos, quando lhes falo na paz, na luta pela paz. Uma delas está criando o filho do seu filho, o rebento do herói que não voltou. Ah, ela o defenderá como uma leoa. Uma outra guerra, não. Para que não houvesse uma outra guerra, para que um mundo novo surgisse, cheio de entendimento, justiça e paz, o pai do seu menino tombou.

reportagem de
Maura de Sena Pereira

Magdalena Tagliaferro fala sobre "A música na defesa do Brasil". É a defesa da cultura o seu objetivo, ou, segundo o que aqui está no suave programa azul que eu ainda guardo: "Aproveitar o estímulo e os efeitos benéficos da música, sob todos os seus aspectos, para aliviar o povo do Brasil nas suas preocupações e nos seus anseios, para combater o desânimo e para assegurar o máximo rendimento do trabalho de cada um na mobilização das nossas forças vitais e na defesa espiritual do país". E, defendendo este postulado, falou brilhantemente, naquela tarde de dezembro de 42, Magdalena Tagliaferro, "fada do piano", glória do Brasil.

ENFERMEIRAS

Não só as vigilantes combatentes da retaguarda tivemos nos, porque, também, tivemos nossas corajosas combatentes do "front", as enfermeiras da FEB.

Não foram poucas as que partiram. Anda em redor de cem o número das que acompanharam os nossos expedicionários — gentes e valentes, enfermeiras diplomadas ou preparadas nos cursos de emergência, todas tendo realizado o necessário estágio no exército.

Trabalhando nos hospitais de campanha ou no arduo mister do transporte dos feridos, elas honraram aquela placa simbólica que, em nome da mulher brasileira, lhes ofereceu, antes de partirem para a Itália, o Departamento Feminino da Liga de Defesa Nacional.

HEROINAS

Na Associação do Ex-Combatente, converso com mães e esposas, irmãs e noivas dos nossos heróis. Pelas histórias das grandes momentos da FEB nos campos de batalha da Europa, vejo impressionantes cartazes, os mesmos que figuraram no desfile de silencioso protesto que os



A MODA

Dois modelos para os dias de sol ou noites agradáveis, sem o frio que veio tão violento no mês que passou.

O primeiro vestido apresenta um feitio que vai bem nas moças esbeltas. É um tanto menino, seu único defeito é o formato da saia. Os botões podem ser dourados ou da mesma fazenda.

O segundo figurino é um traje de passeio, próprio para o cinema ou o teatro. Pode ser executado em seda flexível, de preferência em tom claro.

São modelos muito úteis para as

pessoas que têm feito ou habilidade especial.

Responderemos às nossas leitoras que nos quiserem consultar. Escrevam para SIMONE — na redação de nosso

Journal.

EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

LYCIA MARIA LESSA RASTOS

Infelizmente ainda há muita gente que não forma um conceito razoável sobre o que seja ensino primário, subentendendo-o apenas como consistindo na aprendizagem de ler, escrever e contar. Desse erro comum resultam inúmeros males, dentre os quais destacaremos o de se não dar a devida importância ao magistério primário, menosprezado por essa incompreensão do valor de sua ação social. Esse erro conceitual tem como base a própria designação imprópria da função — ensino primário ou elementar.

A Comissão encarregada de traçar as novas diretrizes e bases da educação nacional, em conformidade com o prescrito na alínea d do art. 5 da Constituição Federal, tem o cuidado de, nos planos que elabora, não falar mais em ensino e sim em educação primária ou elementar. As denominações devem ser definidoras, correspondendo exatamente à significação do que designa.

Ensinar, apenas, é uma coisa, educar é outra. Quem educa, ensina, mas quem apenas ensina, nem sempre educa, pois pode até enganar. Em última análise, o ensino constitui uma simples parte da educação e não é justo tomar a parte pelo todo.

É lamentável que os nossos legisladores ou regulamentadores nem sempre deem o verdadeiro sentido às palavras que empregam nas leis e regulamentos, pois disso resulta evidente impropriedade terminológica de nocivas consequências.

Na última reforma do ensi-

no ensino (Decreto nº 7.710 de 5-3-34), se estabeleceram, com muito acerto, que a escola primária terá por finalidade a educação integral da infância e que essa educação será realizada pela formação da personalidade da criança, pela educação moral, cívica, intelectual, social, econômica, física e pre-vocacional.

Eis aí o que objetiva a escola primária ou elementar: seja pública ou particular, no Distrito Federal.

Do conhecimento, e mais do que isso, do cumprimento das prescrições legais sobre tão magno assunto, resultará sem dúvida maior eficácia educacional da escola primária e mais alto valor será dado às professoras primárias, em cujos ombros pesa a responsabilidade da formação da personalidade das crianças de hoje, que serão os homens de amanhã.

Para que se possa avaliar a importância da educação primária é mister considerar que 70% das crianças que a recebem não continuam, depois, os seus estudos, nos ginásios e faculdades.

Demais, a educação primária é básica, não só por ser ministrada na idade de formação do caráter como porque, quando não for suficiente — seja pela anormalidade ou retardamento da criança, seja cultural o início do curso — dificultará o início do curso secundário.

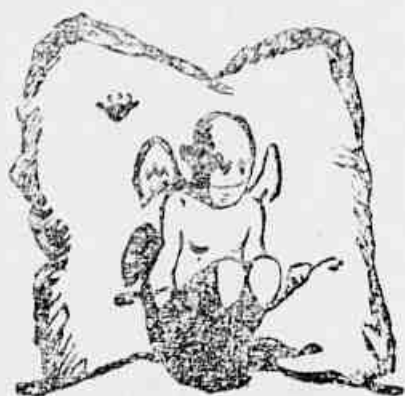
A decadência da educação ginásial tem como ponto de partida o não preenchimento de uma das finalidades da educação primária que é en-

sinar a um homem. O essencial é convencer a criança que estudar não é sofrer, é sim aprender o que é coisa diferente.

Nunca um aluno deve ser lido como leitor de qualquer coisa, enquanto não souber ler, como o porquê da coisa que deve aprender.

Não sendo exagero dizer-se que da educação primária resultará, na maior parte, a formação moral, intelectual e física da juventude, não há como deixar de reconhecer os professores primários — basilares da nacionalidade — como mercedores do respeito e da consideração dos que, representando a soberania nacional, regem os destinos do Brasil.

Não há como explicar a vontade frequentemente manifestada no ensinamento, e solução de petições que visem a satisfação de desejos, a comodidade ou o reconhecimento de direitos, desses abnegados servidores que, em sua maioria, sacrificaram muitos ideais da sua mocidade para se dedicarem ao mister de plasmar na consciência da meninice de hoje, a juventude de amanhã, a sociedade brasileira do futuro.



PUERICULTURA

Depois da longa palestra sobre a criança, dr. Roberto foi convidado a jantar com os amigos todos os sábados.

— Faz o favor de sentar-se, dr., e comecemos nossa conversa... Falemos da criança.

— Há ligeiro engano, d. Luisa. Falemos da senhora, de seu estado e dos cuidados que esse período delicado requer, a vigilância e orientação exigidas para que tudo se processe num ambiente de confiança e de tranquilidade.

— Estou de pleno acordo.

— A gravidez é um fenômeno natural e normalmente não provoca alteração da saúde. Contudo este período pede atenções especiais e uma assistência precoce, frequente e contínua é de máxima importância. É preciso procurar seu médico o mais cedo possível e ouvir com boa vontade seus conselhos e observar os hábitos de higiene por ele ensinados.

— Dr. Roberto, em que consistirá a primeira consulta?

— Chegando ao consultório, o médico far-lhe-á uma série de perguntas sobre as doenças que já teve, as operações feitas e mais outras coisas. É bom respondê-las com clareza e exatidão. Em seguida, virá completo e minucioso exame físico do bebê, isto é, das partes mais em relação com a criança em desenvolvimento: dos dentes, amígdalas, garganta, tireoide, coração, pulmões, rins e aparelho digestivo, além da determinação do peso, pressão arterial e da análise do sangue.

— De tudo isso que o senhor acabou de dizer, quais os exames mais importantes?

— Os seguintes, d. Luisa: — verificação da pressão arterial, o exame da urina e a análise do sangue.

— Da urina, dr. Roberto, qual o porquê de fazer esse exame? O senhor sabe, não é, que a urina...

— É para saber se há alguma alteração na urina, d. Luisa. É um exame muito simples e que pode ser feito em casa, com a ajuda de um médico ou de uma enfermeira.

— E a análise do sangue?

— Pelo exame do sangue, o médico pode saber se há alguma alteração na circulação sanguínea, d. Luisa. É um exame muito simples e que pode ser feito em casa, com a ajuda de um médico ou de uma enfermeira.

— Não tenho receio, dr. Roberto, Miguel e eu queremos um filhinho forte. Se o médico descobrir que tenho sífilis, seguirei à risca o tratamento prescrito.

— Muito bem, d. Luisa. Se todas as mães pudessem des-se modo, muitas crianças não viriam ao mundo minadas pela doença, condenadas à morte.

— Queria fazer mais uma



pergunta... Dizem que toda mãe paga a vindo do filho com a perda de um dente, é verdade?

— Essa crença antiga não tem mais razão de ser. Indo ao dentista logo no início da gravidez e seguindo um regime alimentar rico em cálcio não há motivo para temer. A criança em formação precisa de muito cálcio, se não encontra nos alimentos que a senhora come retirará de seu corpo.

— Em que alimentos encontramos cálcio?

— Nos seguintes: leite, ovos, verduras frescas, frutas e cereais integrais.

CORRESPONDÊNCIA

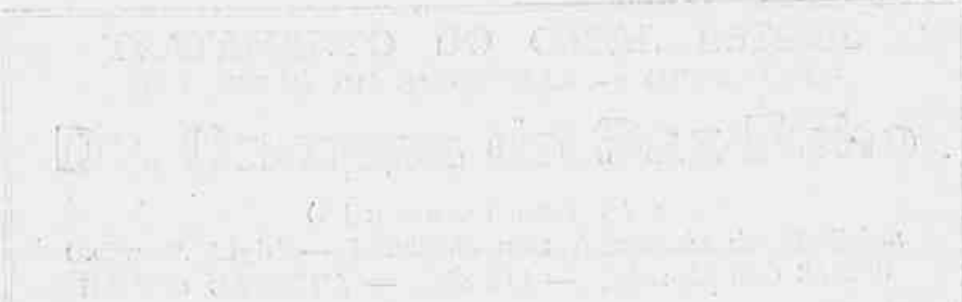
Jovem mãe.

Surgindo alguma dúvida a respeito de seu filhinho, pode contar no "Momento Feminino" com uma amiga disposta a servi-la, na medida de suas possibilidades. Dê-nos sua carta para a redação desta semana e receberá a orientação necessária para resolver seu problema.

Endereço: Mariana.

Redação do "Momento Feminino" — Rua da República, 100 — Rio de Janeiro.

Carta nº 100 — Rio de Janeiro.



COZINHA

Essa é a primeira receita que se deve fazer quando se começa a cozinhar. É a base para todas as outras receitas. É a base para todas as outras receitas. É a base para todas as outras receitas.

VATAPA

Faz-se a vatapa colocando-se 1 litro de leite quente e 1 litro de leite frio, ao qual se mistura um punhado de 250 grs. de creme de arroz, sal, alho, cebola picada, pimenta com amassado e um pouco de azeite de dendê.

Deixe-se ferver, mexendo-se bem, até ficar uma espuma de creme.

Tomam-se, em seguida, 250 gramas de camarões secos, 100 gramas de amendoim torrado, 100 gramas de castanha de caju, molhos e temperos a gosto, de preferência, lavando-se a xícara de leite grosso.

Mistura-se, então, ao creme, deixando ferver bem e mexendo sempre até ficar tudo bem ligado.

Despeja-se numa terrina, podendo-se por cima um pouco de azeite de dendê.

Serve-se com arroz de milho branco ou com um purê de batata de creme de arroz, de preferência frio.

XIM-XIM DE CARNE SECA

Depois de cozida, desfia-se a carne, juntando-se-lhe bastante cebola picada, pimentão, alho, um pouco de caldo de limão, tomates, cheiro verde, pimenta malagueta e camarões secos.

Beleza-se tudo em uma cassarola com azeite de oliva e azeite de dendê.

Serve-se com arroz de água e sal.

NOSSA CAPA

Fixamos flagrantes brasileiros numa composição com desenhos de Perce Lau. São cidades do interior com suas fábricas, vilas que aglomeram a moradia de nossa gente, estradas de ferro, tropeiros, boiadas, e as famosas fazendas nordestinas onde os senhores de engenho se celebrizaram.

De norte a sul, em todo o nosso vasto território, a mulher sempre esteve presente — nas fábricas, nos campos e nos serviços domésticos, ora exaustivos, ora humilhantes. Sempre, na escravidão como hoje a mulher, qualquer que seja a sua condição, é um exemplo no trabalho.

A colaboração de Perce Lau tem característica documental.



CONTO DE ALINA PAIM

"Sentada no canto da cama de grades, pernas cruzadas como de chinesa, Do Carmo tentava dominar a atenção, fixá-la na reza. Começara muitas vezes a ave-maria. Repetia antes: — "Pela alma de minha mãe, para que Deus abrevie sua provação, se ainda não está no reino dos céus."

Dizia mexendo os beijos a primeira parte da oração, e o pensamento fugia, enquanto olhava a nesga de claridade que entrava pela porta meio aberta. Vovó Carolina não se esquecia da lamparina acesa na borda do guarda-louça. Sempre firme e vigilante. A avó não era má; se lhe batera algumas vezes, tinha sido instigada pelas filhas; não levantava o braço para castigar por conta própria, mesmo quando se descobria enganada nas provas do nove da multiplicação. Desconfiava porque todas as tardes ela acabava ligeiro e não havia erros. Botara sentido e pegara-a justamente quando lambia o dedo e ia mudando os algarismos até conferirem os nove-fara.

Tinha falado muito sério, baixinho, voz abafada, talvez para que tia não soubesse a história da cabala. Sentira arrependimento e nunca mais tivera coragem de enganar vovó Carolina; se tivesse apanhado, faria diferente, havia de descobrir novo jeito de fazê-la engolir erros, sistema de enganar mais perfeito. Quando era bem tratada, o coração amolecia, tinha vontade de ser boa, de prestar serviços. Vovó Carolina tinha semelhanças com professora Agripina: as duas gostavam dela e não sabiam mostrar, com certeza. D. Agripina, zarrolha, pele engelhada, inspirava desconfiança no primeiro momento; quando começava a falar tudo mudava, era impossível ficar com medo, levava a esquecer-lhe a feiura. Tão diversa da professora Otaviana: mesmo com os lábios abertos num sorriso, esta marcava distância, esfriava o coração, tirava as forças das pernas, fazia os joelhos dobrarem querendo correr sozinho.

Se não fosse dona Otaviana, teria dito a poesia quando o governador estivesse no grupo, no dia da inauguração da luz elétrica. Sabia-a de cor, sem faltar uma vírgula. Havia repetido em casa, tia tia acompanhando no "Coração de Criança", estava certa, os versos direitos, um atrás do outro.

Na semana anterior à festa, estudara a poesia com desespero, só encontrara sossego quando conseguira dizê-la de corrido como tabuada. De tanto escutá-la e conferir as linhas, Hilda também havia aprendido. Demorava no pedaço mais bonito, não botava todo o entusiasmo: "Os pássaros em revoadas, te saúdam, Pátria amada." Abria os braços, agitava as mãos como quem bate asas, olhava o céu e cur-

vava a cabeça saudando a Pátria amada. A Pátria amada devia estar em sua frente, no dia, talvez fosse o governador. Nessa hora da "revoadas", Hilda espiava com olhos compridos de inveja, e ela ficava contente de ser importante, de ter sido escolhida para recitar, mexer os braços, vestir roupa nova e entregar um bouquet de flores. Entregar o "bouquet de flores ao governador" fora o único negócio que conseguira fazer, a idéia que acudira ao juízo na hora da vergonha. A filarmônica tinha tocado muitas vezes, professora Agripina espezitara o laço de fiação que lhe prendia os cabelos, o governador alisara os bigodes e a meninada uma a uma despejava poesias decoradas. Ela dizia os versos baixinho como se rezasse, esperando a vez, sabia todo inteiro da enfiada. Soava a voz do diretor:

— Maria do Carmo.

Ela dera dois passos para frente como fora ensinado, juntara os calcanhares e afastara os bicos dos pés. Baixara a cabeça, uma mão no peito, outra estendida segurando as flores. Levantara-se devagar, com elegância, como fora ensinado. Os olhos bateram na figura massiça de dona Otaviana, sisuda, encarando-a mu-

to sério. Franzira as sobrancelhas e fizera-lhe sinal com a cabeça para que segurasse melhor o bouquet.

Era a hora de começar. Abriu a boca, tornara a fechá-la, abriu-a de novo, olhos pregados na cara gorducha de pele estirada de dona Otaviana. A cabeça crescia, ôca, vazia como cabaça. Tinha esquecido a poesia. A sala inteira, toda aquela gente, reduzira-se a um batalhão de olhos comandados pelos olhos duros de dona Otaviana. O bouquet começara a pesar, a pesar como chumbo, era preciso livrar-se dele. Avançara e entregara-o ao governador. Atordoada, sentira que o homem de bigodes a abraçava, ficando uns instantes a dar-lhe pancadas moles nos ombros.

Outro nome fora gritado. A festa continuara como se nada tivesse acontecido, e com os versos da poesia do menino a sua acordara, brotara de novo na memória. Ficara mexendo os beijos até sentir dor de cabeça de tanto repetir: "Os pássaros em revoadas te saúdam, Pátria amada." Sentira vontade de fugir, de chorar, com a certeza de que ela e todos os pássaros estavam de asas quebradas, quebradas por dona Otaviana.

No dia da inauguração da luz elétrica fora de agonia e castigo. Apanhara das tias porque havia envergonhado a família, desmoralizado o nome de velho Bernardino: — "A neta do coletor, a neta de seu Bernardino, fez fiasco, deu prego na poesia."

Tinha medo de festa. Mesmo nas noites de refeitório sentia receio quando a filarmônica parava, vinha a vontade de fugir, deixar a praça da Matriz, em disparada pela rua da Estância. Perseguiu-a o pensamento de que iam mandá-la fazer qualquer coisa diante do povo, e ela não saberia. Não seria capaz de acertar.

A música da filarmônica perdera a força de espalhar alegria. Ouvindo-a, Do Carmo sentia o coração minguar e doer, desejo de ficar só, de chorar, de encontrar a mãe, esconder a cabeça em seu peito em busca de socorro.

A mãe! Precisava rezar pelo seu descanso. O olhar bateu na arca de couro de tachinhas douradas, as pálpebras cerraram-se:

— "Pela alma de minha mãe, para que Deus abrevie sua provação, se ainda não está no reino dos céus."

COMO SE FEZ A NOITE

LENDA AMAZÔNICA

A filha da Cobra Grande casou-se com um moço muito bom e muito bonito, que tinha três escravos fortes, bravos e fieis.

O moço sentiu sono, mas não podia dormir, porque não havia noite. Então a mulher lhe disse: "Manda buscar a noite com minha mãe. A noite está no fundo do rio e só minha mãe poderá encontrá-la."

O moço chamou os escravos e lhes disse: "Vão à casa da Boiuna, lá no fim do estirão grande e lhe digam que me mande a noite."

Os fâmulos assim o fizeram. A Cobra Grande estava enrolada na rede, dormindo. A rede da Cobra Grande era um grosso tronco de miruti, à beira do rio.

Os escravos encostaram a montaria e, a muito custo, conseguiram acordar a Boiuna, que havia comido uma anta e bebido muito cariri.

— Quem são vocês, lhes disse a Cobra, e o que querem?

— Tua filha te manda pedir a noite para que teu genro possa dormir.

— Esperem aí.

A Cobra desceu para o fundo do rio e daí a momentos subiu com um grande carago de tucumã, que entregou aos escravos.

— Não abram esse carago, senão tudo estará perdido. Dem-n'o a minha filha que sabe como deve fazer.

Tornou a enroscar-se e dormiu. Os rapazes partiram numa mupica louca para chegar depressa.

Em meio da viagem, ouviram um rumor estranho, que parecia provir do tucumã.

— Não abrir — disse um deles.



Os outros dois, porém, não concordaram.

Mais adiante o barulho aumentou; parecia que lá dentro cantavam sapos, gias, corujas, murucutulus...

A curiosidade dos escravos foi mais forte que a sua reconhecida fidelidade. Acenderam fogo e dissolveram o breu que tapava o buraco do tucumã.

Imediatamente escureu. O cururú, o cumariari, o rapacua, puzeram-se a coaxar; as corujas a piar; o jurutai, o murucutulu, a acuraua o rasga-mortalha, os morcegos precipitaram-se na escuridão, enchendo a floresta de gemidos, de pios, de roncos, de berros, de silvos diversos que apavoraram os escravos indiscretos.

— Eles saltaram a noite — disse a filha da Boiuna ao marido.

O moço teve medo.

O panacú que estava no copiar virou-se em onça; a canoa virou pato; o rémo virou peixe; a corda, sucuriú, e tudo se transformou, nos rios e na floresta.

A moça, então, disse: "Vamos esperar a madrugada para separar o dia da noite."

Quando os escravos chegaram, o moço lhes passou um pito e a filha da Cobra-Grande, que era uma excelente feiticeira, transformou-os em macacos, porque buliram no que não era de sua conta.

Mal brilhou a estrela d'Alva, a moça separou a noite do dia e os pássaros do dia cantaram e os da noite se calaram.

E assim se fez a primeira noite.

A JOVEM ATRIZ

ILYA ERENBURG

Quando lhe disseram: "Você lá ao front", a jovem atriz Belogorskaja esteve a ponto de chorar de alegria. "A quem se falta — interrogava, cheia de dúvidas — os monólogos de uma heroína imaginária, quando, cada noite, a voz bronca do rádio falava de cidades violadas, de meninos assassinados?" Lisa escreveu em seu diário: "Cheguei à vida, quando a tornaram escura".

Atuava em uma pequena cidade, antes pacífica e agora repleta de refugiados. Viviam como em viagem, temendo vender as almas e esquecer o passado. Todos tinham pessoas da família no front. Os passos do carteiro, cansados e frios, ressoavam como os passos do destino. O exército recuava. Perto do edifício do comitê local, os homens ouviam os comunicados sem ousar olhar-se nos olhos. Donas de casa, esposas de comandantes, alunas do Conservatório cavavam febrilmente a terra e preparavam projetos.

No teatro, representavam velhas tragédias, melodramas militares. Para que? pensava Lisa. Tudo lhe parecia desnecessário e vergonhoso — a luz crua da ribalta, a declamação, a réplica do protagonista. "Se amás, todo o mundo está em ti e não existe a morte". Nas suas horas livres, Lisa acompanhava as conversações no vestibulo, durante o entre-ato. Falava-se do pai, do esposo e do irmão ferido ou comentava-se que os alemães estavam em Krasnodar. Lisa ia para o seu quarto. Viviam num rincão escuro, entre velhas e crianças.

Por que motivo a retina do teatro — perguntava a si mesma, com esse rigor próprio das naturezas jovens e honestas. Não era vaidade, porém, uma inclinação cega, que, às vezes lhe parecia também louca — a arte. "Afetada" — dizia-lhe, em certas ocasiões, sua mãe. Porém, não era verdade. A pequena sentia-se, umas vezes, Ana Karenina; outras Asia, de Turgueniev; outras a florista cega do "abat-jour". Chamavam-na de fria, porém, ela se torturava, não dormia de noite... Essa pequena selvagem, morena, de olhos azuis, vivia sozinha. Sua mãe tinha morrido tempos atrás. Os companheiros a evitavam. Ela os entristecia, sem que soubessem por que. Antes da guerra, o engenheiro Pronin dissera-lhe: "Vivamos juntos". Era de noite, no jardim da cidade. Gostava do engenheiro, ou talvez gostasse não dele, mas do belo mês de maio, dos jasmims e da juventude. Ele a abraçou. Ela, porém, afastou-se e começou a falar de quão difícil era haver uma compreensão mútua entre dois seres. Ele pôs-se a rir: "Atriz". Não voltaram a ver-se.

Frequentemente, insultava-se a si própria, chamando-se atriz. Maldizia a cena e, apesar de tudo, ao entrar pela manhã no teatro, ao respirar aquele ar frio e poeirento, com cheiro de cola e de umidade, ao contemplar as negras poltronas vazias, onde flutuava o fantasma da musa, Lisa compreendia que não podia separar-se de tudo aquilo.

Diziam que era dotada de talento e que poderia chegar a ser uma grande atriz; porém ela sentia que lhe faltava algo. Quanto mais pensava em seu papel, mais se distanciava da obra, dos outros atores, do público. Algumas vezes culpava o repertório: tão depressa desempenhava o papel de uma jovem dos tempos antigos, abrasada de amor, como de uma guerrilheira que entre os combates fazia grandes discursos. Lisa pensava que já não existia amor e que não devia falar-se de uma maneira tão bela quando, ao redor, morria gente. O mundo tinha-se enchedo de outros heróis. Acaso não vivia a façanha de Gastelo? Acaso não ia à força com Zóia? Acaso não repetia o juramento dos 28? E Lisa escrevia: "A vida cresceu tanto que nela não existe agora lugar para a arte".

Lógio de Doronin. O ponteiro voltava-se lentamente para baixo. E, subitamente, Lisa pensou: "E, apesar de tudo, sou uma atriz".

E acabavam de dizer-lhe que iria ao front. Sorria, enquanto andava: "Mas será verdade? Será possível que eu vá, mesmo

homem assim. E' claro que, à primeira vista, não se percebe: não que seja por um instante, alegrar os soldados?"

Os atores partiram alegres e agitados. Mas logo todos emudeceram. Começavam a ver o que até então tinham lido: chaminés das aldeias incendiadas, árvores esgalhadas, manchas negras na neve, mulheres e meninos caminhando entre as cinzas.

Passaram a noite em uma cabana intacta. A dona, muito jovem e muito esguia, com olhos grandes demais no rosto largo e esquelético, contou-lhes: "Eu, ao meu filho, escondi-o na neve. Mas logo pensei: Vai-se gelar o pequeno. Trouxe-o para casa, para que se aquecesse. Chega, porém, o invasor. Grita que é ordem e arranca-me o menino. Eu procuro refugio. Não o largo. Estava aqui, ao lado do forno. Desfecharam, então, um golpe no pequenino. Olhei-o desvairada. Já não me reconheceu. Esteve sofrendo, toia a noite..." A mulher suspirou e pôs-se a remover os carapaceiros das palavras, todos os gestos. "Não sorrir, não voar. Lisa esqueceu pôs que tinha vindo. Junto daquela dor, falar, não dizer nada. Só disparar — pensava Lisa, dando voltas durante a noite pela cabana reaquecida.

De manhã, viu cadáveres, carros destruídos, restos de cavalos. Transportavam feridos. Contemplaram silenciosos o vazio céu hiernal. O cocho da cabana, do as mãos e as suas luvas pareciam de madeira. Lisa disse ao cantor Belshin: "Para que viemos? Vão matar-nos."

Organizou-se um concerto no edifício da escola. Sob os alemães ali esteve instalado o comando. No chão do apartamento para onde levaram os atores, havia furis automáticos, latas de conservas, panfletos alemães. Lisa tirou o abrigo farrado e as botas de feltro. Tremia e os lábios estavam secos e gretados. Pôs um vestido de seda cor-de-rosa. Sua turbacão parecia artificial e os espectadores sentiram receios. Eram sapadores. Na véspera, haviam-se arrastado pela neve, à procura de minas. Agitada como nunca, Lisa recebeu versos sobre o amor que mata, sobre uma árvore, sobre a fidelidade. Sentiu subitamente que cada uma de suas palavras chegava até aqueles homens sombrios. Aplaudiram-na largamente. Como resposta, ela sorria debilmente, sem forças. Tinha dado o seu coração, como o doador entrega o seu sangue. Ao voltar ao apartamento onde estavam os atores, respondeu a Belshin: "Não sei, parece que fui bem" — e apoiou-se à porta, para não cair.

Representaram em aeródromos, em hospitais, no bosque. Algumas vezes o concerto interrompia-se, ao grito de "alarme aéreo". Lisa conheceu o estampido das bombas. As vezes teve que detar-se no barro vermelho e pegajoso. Dormiu em casamatas e o conchete chegou a ser para ela familiar como um ruído doméstico. Um general corpulento convidou-a a beber vinho da Madeira, enquanto dizia: "Eu sou um velho apreciador do teatro. Em Sverdlovsk, não faltava a nenhuma estrela." Um piloto adolescente, com a estrela de ouro no peito, modesto, mas seguro de si mesmo, disse: "Você me recordou o meu primeiro amor..."

Chegou maio com suas tempestades súbitas e o canto dos cucos no bosque. Em uma das últimas tardes, o major Doronin acompanhou Lisa. Antes da guerra, era estudante de química, falando a Lisa da primavera, de Teletov, de que todos tinham em algum tempo a nossa infância... Falava porque tinha medo de calar-se e, apesar de tudo, chegou o instante em que guardaram silêncio. Tinham-se conhecido quatro dias antes. Doronin ajudava então os atores a se instalarem na aldeia. Lisa enamorou-se imediatamente dele, embora não fosse bonito. Perguntava a si mesma: "Por que? Eu tinha visto muitos como ele..." Ao mesmo tempo, se lembrava de uma mulher, de uma mulher que encontrou um e um ator. Mas tudo nele é extraordinário: os olhos penetrantes.

os conceitos acerca de Lermontof, a maneira de dizer. Não se enganará você, se a chamar de Lisa?"

"Então, você vai amanhã?" — Doronin deteve-se. Lisa pôs as mãos em seus ombros e foi ela que o beijou primeiro. Pelo céu negro, descia um fogo de artifício verde, parecendo uma estrela solitária e errante.

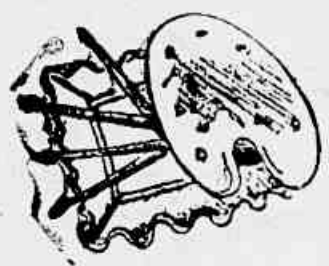
Quando Lisa voltou à sua cidade, tudo lhe parecia ali estranho e imprevisível. Não podia escutar as conversas sobre o andamento de papéis e sobre o que valia combinava com o diretor. Um ator disse: "Hoje o comunicado está vazio. Não se conquistou nada." Lisa saltou: "Não se atreva a falar assim. Trata-se de combate, de sangue..." O teatro parecia-lhe prosaico. Aborreciam-se. Aplaudiam por costume. Como Lisa apreciava pouco aqueles espectadores... Levava sobre o peito um talismã: um número de um correio de campanha. Não queria escrever, esperava que escrevesse ele. Mas logo se resignou: "Não tem tempo. Eles estão na ofensiva..." Escreveu uma carta breve, tentando ocultar sua paixão, seus ciúmes, sua inquietude. A resposta chegou carinhosa, embora amarga. Furiosa, Lisa rasgou a carta. Doronin dizia que na vida havia muita infantildade, que ele havia parecido a ela interessante no front, mas, quando terminasse a guerra, parecer-lhe-ia aborrecido e mediocre. Que ela era uma atriz e tinha diante de si uma vida agitada ("Com vidas", escrevia o rapaz). Enquanto que ele, Doronin, se não o impedisse um obuz ou uma bala, chegaria a ser, apenas, um químico comum.

Ela sentiu-se melindrada. E, querendo arrancar do coração o sentimento, procurava persuadir-se: "Tem razão. Deixei-me enfiar. Mais tarde, rendia-se: "Fala assim porque me ama. Agora ganhar. Não sei discernir entre a verdade e a ficção..." Um mi-percebo que uma coisa é desempenhar o papel de uma agonizante e outra coisa é morrer..." Assim esteve dando voltas durante uma semana. Depois escreveu uma carta rasgada e longa, cheia de paixão, uma carta de "avo", como ela mesma dizia. Fazia-lhe juramentos de amor, escrevendo: "Se quiseres, abandono a cena. Posso viver sem a arte, mas não sem ti..." Quando pôs a carta no correio, teve medo: "Acabou-se a atriz!"

Esperou muito tempo a resposta. Por fim chegou o carteiro. Acostumado aos gritos de alegria e de angústia, entendeu-lhe, indiferente, a mesma carta que ela tinha depositado no correio com mão trêmula. Sobre ela haviam escrito: "Saiu da unidade". Lisa esteve perturbada todo o dia. De noite representou mal, repetindo maquinalmente as frases decoradas. Sabia que haviam matado Doronin. Começou uma vida falsa: levantava-se, vestia-se, ensaiava, comia, sentindo que tudo era ficção.

Dos dois o carteiro veio outra vez e ela leu: "Querida camada. Devo comunicar-lhe uma notícia dolorosa. Seu noivo, major Doronin, faleceu em nosso hospital de campanha. Fizemos tudo para salvá-lo, mas o ferimento era grave. Foi valoroso até o final. Pediu-me que lhe escrevesse e lhe enviasse o seu relógio de pulso. Sou uma mulher velha e é como uma mãe que a aperto contra o coração".

Lisa declarou que estava doente. Ninguém a viu durante dois dias. Depois foi ao teatro. Desempenhava um papel de que não gostava mas havia algo de novo em Lisa. No momento em que disse: "Quando amas, todo o mundo está em ti e não existe a morte", a sala ficou petrificada. Fizeram-lhe uma ovação. O diretor, calvo e triste, afirmou: "Lisanka, você cresceu muito, fez-se uma grande atriz". Ela respondeu imperceptivelmente: "Obrigada". Chegou a casa e leu pela centésima vez a carta da mulher desconhecida. "Dize-lhe que era meu noivo". Contemplou o relógio de Doronin. O ponteiro voltava-se lentamente para baixo. E, subitamente, Lisa pensou: "E, apesar de tudo, sou uma atriz".



ARTES PLASTICAS

UMA PINTORA QUE VOLTA

SILVIA

Quando há dois anos, depois de uma tarde inteira no cais, passando os últimos momentos de France Dupaty em terras do Brasil, todos nós, seus amigos, artistas e intelectuais, estávamos sentindo viva a sua arte que com tanto sentimento popular fixara, naquela época, a pobreza das crianças em nossos morros e em nossas ruas de bairros miseráveis.

France, uma artista que trazia nos olhos as grandes paisagens da ilha da Madeira enevoada, a francesa com os olhos cheios das neves europeias, que tinha alcançado na largura de suas pinceladas o grandioso de nossos mares e de nossos panoramas — namorando a nitidez dos nossos céus e de nossos morros, parecia uma aventureira da terra e da sua própria vida nela confundida. Estava no Brasil uma artista da França.

Mas agora que France Dupaty volta para o Brasil, precisamos primeiro dizer alguma coisa anterior à sua partida. Sim, devemos à artista francesa o que deu de sua mensagem plástica aos meninos desprotegidos do Brasil, vivendo os seus problemas e as suas urgentes necessidades. A Arte de France comoveu-se diante de um tão chocante material humano. Não sentia mais o calor, o azul do céu e o canto dos pássaros — sofria os ambientes rústicos, assolados pela fome, batidos pela falta d'água, ausentes do conforto e de tudo. Mudou o panorama de sua arte, mudou também a sua maneira de expressão. Sentindo profundamente a angústia coletiva, France enriqueceu de forma prodigiosa a sua realização artística-plástica. Com a sua arte, mais realista e sentimental, a ma-

E de conhecimento de todo o povo carioca a atuação das quatro vereadoras na Câmara Municipal, em defesa dos interesses da população da capital da República.

Num ambiente de absoluta igualdade com os demais re-

Semana Parlamentar

preocupação, essas vereadoras atacam de frente todos os problemas populares de maneira incisiva. Analisam, criticam e apresentam medidas concretas, solucionadoras dos problemas. Quem vai à Câmara não deixa de vê-las em atividade, elaborando projetos, indicações, requerimentos; atendendo a comissões, levantando sua voz de protesto contra as injustiças, fazendo declarações de voto, prestando homenagem aos grandes vultos nacionais, dando e recebendo apertes e pareceres aos processos.

E de louvar-se, pois, a atitude de nossas eleitas, que vêm satisfazendo plenamente à confiança que o povo nelas deposita. No curso desta semana as vereadoras assim trabalharam:

LIGIA LESSA BASTOS

Indicação n.º 357, sobre arborização da rua Guilhermina; Requerimento n.º 830 sobre a sustação da passarela das donas de casa;

Indicação n.º 249 sobre a criação de carreira de Inspetor de Ensino Particular Técnico - Profissional no quadro permanente;

Indicação n.º 279 para dar o nome de Comandante José Soares Pina a um logradouro da capital;

Requerimento n.º 858 sobre as verbas orçamentárias ou créditos extraordinário para construção de prédios escolares;

ARCELINA MOCHEL

Declaração de voto de apoio ao projeto sobre o crédito para a compra de Promin;

Requerimento n.º 783 para o sr. Secretário do Prefeito a fim de enviar várias respostas de alto interesse à lei orçamentária;

Requerimento n.º 844 sobre instalação de bicas de água na rua Araújo;

Requerimento n.º 843 sobre calçamento das ruas Visconde Cairu, Sincorá e Visconde Uberaba e instalação de caixa d'água no morro da Cachoeira;

Indicação n.º 258, pedindo limpeza de valas, construção de uma ponte, instalação de bicas d'água, posto médico e uma escola, na Pavão de Moça Bonita;

Projeto n.º 100, que assegura preferência absoluta para uma única promoção aos ex-combatentes servidores municipais;

Indicação n.º 275, sobre recondução de professores primários aos cargos, computando-se-lhe tempo de serviço municipal às que estão noutros cargos, desde que queiram voltar ao magistério;

Projeto 107, sobre construção de parques de alojamento provisório às pessoas vítimas dos despejos;

SAGRAMOR DE SCUVERO

Declaração de voto, sobre sua saída do Partido Republicano, apertes de apoio a vários assuntos;

ODILA SCHMIDT

Indicação n.º 262, sobre a instalação de novos telefones nas casas comerciais e empresas coletivas de utilidade pública;

Requerimento n.º 794, sobre a lei orçamentária, junto à Secretaria de Viação e Obras Públicas;

Declaração de voto, de apoio à verba para aquisição do Promin;

Discurso sobre problemas da Light, levantados em vários requerimentos.

Que nos dirá, agora, France Dupaty, de regresso ao Brasil que tanto ama? Como estará a sua arte servindo à França imortal que nós, brasileiros, amamos tanto? E' o que France nos irá revelar quando nos mostrar os seus quadros, quando fizer a sua exposição dando conta de suas atividades em Paris. Constataremos, então, como trabalhou em sua pátria, que esteve ao lado do povo francês e que com ele de fato viveu uma grandiosa etapa de sua história. Enfim, a sua grande e nova experiência humana que certamente imprimiu novos e empolgantes rumos à sua condição superior de artista.